



quando a alegria **não** vem pela manhã

AS PARÁBOLAS DE JESUS E A ORAÇÃO NÃO RESPONDIDA

RICARDO BARBOSA DE SOUSA

quando a
alegria
não vem
pela manhã

RICARDO BARBOSA DE SOUSA

quando a
alegria
não vem
pela manhã

AS PARÁBOLAS DE JESUS E A ORAÇÃO NÃO RESPONDIDA

ultimato 
VIÇOSA|MG

Sumário

Capa

Folha de rosto

Prefácio

Apresentação

Introdução

1. Primeira parábola:

O amigo importuno (importuno?)

2. Segunda parábola:

O juiz iníquo

3. Terceira parábola:

O fariseu e o publicano

4. As tensões na oração

Epílogo

Posfácio

Crédito

Para meu filho
Thiago Lucas Gordo de Sousa (1979-2020)

Prefácio

UM LIVRO ESCRITO pelo reverendo Ricardo Barbosa é sempre recebido com interesse. Um livro dele sobre oração mostra-se muito adequado e desperta atenção ainda maior. Um livro assim, que surge no momento em que vivemos, sob o impacto da pandemia do novo coronavírus, sobressai como indispensável.

De fato, de que recurso maior que a oração podemos nos valer, quando toda a humanidade é tão duramente atingida? Quando os projetos humanos, individuais e coletivos, tornam-se inesperadamente ameaçados por um inimigo invisível e potencialmente perigoso? Quando todos nós somos forçados a mudanças de hábitos, submetendo-nos a rigores sanitários inimagináveis? Quando nos vemos obrigados ao distanciamento social, que nos priva de pessoas, gestos e ambientes tão valiosos? Quando olhamos para o futuro próximo, e mesmo mais distante, com incertezas e apreensões?

Já tendo passado mais de um ano sob tamanha tensão, trazemos conosco a contabilidade dolorosa dessa tragédia, que se soma àquelas vicissitudes próprias da existência humana. Assim, é impossível encontrar alguém que não tenha nomes a acrescentar à lista dos que sucumbiram à Covid-19:¹ Eduardo, Eloy, Cida, Aloysio, Hugo, Adriana. Também recordamo-nos daqueles que adoeceram por outras causas e que tiveram o desfecho fatal apressado pelo famigerado vírus: Roberto, Sebastião... E ainda os que foram ceifados por uma ou mais enfermidades do repertório com o qual já convivíamos. É o caso de Thiago Sousa, bem como de Marcel, Sebastião, Luís Carlos, Yvone, Lucinéia, Hélia, Adonias...

Sim, a maioria dos que enfrentaram a Covid-19 sobreviveu, com sintomas maiores ou menores. Alguns o fizeram heroicamente. Da mesma forma, várias pessoas acometidas por outras doenças alcançaram desfechos favoráveis. Alegremo-nos e damos graças a Deus por isso.

Mas o que fez diferença para que alguns obtivessem bons resultados e outros não? Se houve clamores e rogos a Deus por uns e outros, por que nem todos foram beneficiados com a cura? Teriam as orações influenciado resultados assim discrepantes? Ainda, se ao final Deus é sempre inocentado, de que vale invocá-lo em nossas dores e angústias? Há momentos nos quais ele parece ocultar-se.

O reverendo Ricardo Barbosa tem a coragem de deter-se diante de perguntas assim; e o faz com o coração de pai machucado pela perda de um filho querido. Depois de meses em intensas orações, recebendo conforto com as sinalizações de que tudo caminhava favoravelmente, foi compelido a levar Thiago à sepultura. Tudo isso parece muito estranho. Como continuar crendo e buscando o mesmo Deus?

Quando recebi o seu telefonema, distinguindo-me com o espaço deste prefácio, eu tinha nas mãos o livro de John Piper intitulado *O Sorriso Escondido de Deus*,² cujo título foi cunhado a partir destes versos de William Cowper (1731–1800):

Deus se move de forma misteriosa

Para realizar suas maravilhas;

Ele imprime suas pegadas no mar

E cavalga sobre a tempestade.

[...]

Não julgue o Senhor com débil entendimento,

Mas confie nele para sua graça.

Por trás de uma providência carrancuda,
Ele oculta uma face sorridente.

A morte sempre nos é penosa. Uma vez que, como cremos, tudo se rende à providência divina, parece mesmo que essa intrusa esconde de nós o sorriso de Deus. E como subsistir sem os afagos divinos?!

Nunca expus ao reverendo Ricardo o que vivi quando da doença e morte de André (1979–1986). De modo semelhante, também entreguei confiadamente meu filho aos cuidados do nosso Deus, desde o começo de tudo, e busquei o melhor da medicina para o seu tratamento. As orações foram muitas, da nossa parte, da família, dos irmãos e dos amigos. Apeguei-me igualmente às promessas que me vinham da Palavra de Deus. Particularmente, soavam-me cheias de esperança as frases do profeta Habacuque:

O Senhor me respondeu e disse: “Escreva a visão, torne-a bem legível sobre tábuas, para que possa ser lida até por quem passa correndo. Porque a visão ainda está para se cumprir no tempo determinado; ela se apressa para o fim e não falhará. Mesmo que pareça demorar, espere, porque certamente virá; não tardará [...] O justo viverá pela sua fé”.
– Habacuque 2.2-4

Eu tinha esse texto como resposta de Deus, confiava que a cura seria um sinal bem chamativo e serviria para despertamento de muitos. Sustentava-me na espera de um milagre, mesmo que demorado. Suportei aqueles anos nessa fé. Nos minutos finais, diante do inexorável, não tive alternativa, e rendi-me, igualmente a ele: “O meu socorro vem do Senhor” (Sl 121.2). Essa foi a frase que me saltou à mente e me fortaleceu.

Intuitivamente sabíamos que nossas experiências de pais cristãos eram semelhantes, e essa proximidade fica selada aqui. Outros, por certo, passaram por situações assim e as deixaram registradas. Logo lembramos de Nicholas Wolterstorff, com seu *Lamento*.³ Alguns usaram a experiência da perda precoce para promover ações beneméritas.⁴

O reverendo Ricardo, por sua vez, brinda-nos com uma reflexão pungente, embasada no seu conhecimento teológico e na vivência de profunda espiritualidade cristã. Mesmo tendo a oferecer “um relato frustrado de orações não respondidas”, aponta-nos o conforto da companhia de um Deus ferido que “sabe o que é padecer”, e a esperança de, mais à frente, conhecermos a sua “verdade não revelada”.

O destaque que ele dá às três parábolas de Jesus sobre a oração é inovador e oferece enfoques não convencionais. De fato, ao lado dos ensinamentos formais do Sermão do Monte e do que aprendemos com as próprias experiências devocionais do Mestre, essas parábolas são iluminadoras. Nelas encontramos o ensinamento convincente de que “a oração é nossa resposta ao chamado de Deus para nos relacionarmos com ele”. São então destacados princípios que sustentam essa relação íntima. As incursões hermenêuticas compõem o substancial conteúdo conceitual e reflexivo do livro. Tudo recheando as ricas e ilustrativas experiências pessoais do autor. Afinal, ele não prescinde da sua opção pelo “caminho do coração”.

Em dias de triunfalismos ingênuos e promessas mentirosas de milagres, ter a coragem de revelar-se sofrido, e até decepcionado, soa muito adequado e autêntico. Deus se alegra com isso, e nós podemos usufruir do resultado. Cumpre-se aqui a promessa de Salmos 84.6: o rev. Ricardo passa pelo “vale árido” e dele faz brotar um “manancial”. Como consequência, somos desafiados por ensinamentos que nos levam além das preces interesseiras e

imediatistas, descerrando-nos o horizonte de um convívio ainda mais profundo com nosso Deus.

Felizes aqueles que, diante de orações não respondidas, escapam dos riscos mais comuns: deixar de orar (e mesmo de crer) ou tornar as orações rotineiras e superficiais. Que nossos pedidos a Deus sejam sempre “motivados por um forte desejo”, pois assim terão significado e valor, a despeito dos resultados reivindicados pelo nosso imediatismo.

URIEL HECKERT, doutor em psiquiatria pela Universidade de São Paulo, é professor aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora e um dos fundadores do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos.

-
1. Covid-19 – Do inglês: Coronavirus disease 2019. Em português: Doença pelo coronavírus 2019.↵
 2. PIPER, John. *O sorriso escondido de Deus*: o fruto da aflição na vida de John Bunyan, William Cowper e David Brainerd. Trad. Augustus Nicodemus. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.↵
 3. WOLTERSTORFF, Nicholas. *Lamento*: a fé em meio ao sofrimento e à morte. Trad. Joel Tibúrcio de Souza. Viçosa: Editora Ultimato, 2007.↵
 4. Rede de Apoio a Perdas Irreparáveis: www.redeapi.org.br; Associação Evangélica Beneficente David Rowe: www.davidrowe.org.br; Fundação Ricardo Moysés Júnior: www.ricardomoysesjr.org.br.↵

Apresentação

CONCLUÍ ESTE LIVRO em setembro de 2020, uma semana após ter completado um ano que meu filho mais velho, Thiago, de 41 anos, havia sido diagnosticado com câncer no esôfago. As meditações sobre oração baseadas nas três parábolas do Evangelho de Lucas me ajudaram a compreender melhor o sentido da fé e da oração no ensino de Jesus, e me estimularam a prosseguir orando por meu filho e clamando por sua cura. Preguei sobre elas em março de 2020 na Igreja Presbiteriana do Planalto, em Brasília, e, alguns meses depois, decidi transformá-las num pequeno livro.

Um mês depois, no dia 10 de outubro, Thiago foi internado na UTI com um grave derrame de pleura e precisou colocar, com urgência, drenos no pulmão para que voltasse a respirar com mais tranquilidade. Outras complicações foram surgindo e ele não saiu mais do hospital. Quase um mês após sua internação, no dia 7 de novembro, meu filho faleceu. É impossível descrever o sentimento de vazio, desolação e dor que envolveu toda a família, sua esposa e seu filhinho, de 2 anos, igreja e amigos. Uma dor que iremos levar conosco pelo resto da vida.

O que faz a morte de um filho ser indescritivelmente dolorosa? A quebra de um ciclo natural da vida é terrivelmente angustiante. Espera-se que os filhos enterrem seus pais, mas os pais enterrarem seus filhos representa uma quebra da ordem natural que envolve o ciclo da vida, e a dor é inimaginável. Quando os filhos enterram os pais, o passado é lembrado, um memorial de gratidão é erguido e a história é preservada como um legado para as futuras gerações. É claro que existe tristeza e dor, mas também memória e gratidão. Quando os pais enterram os filhos, o futuro é arrancado

de nós e as esperanças são frustradas. Nosso filho se foi na metade de sua vida e o vazio é imenso e profundo. Não verei o pai que ele sonhava ser para seu filhinho, nem o marido que ele buscava ser para sua querida esposa. Esse futuro não existe mais. Não veremos o profissional dedicado que ele se tornaria, nem as ricas contribuições que certamente traria para a equipe que trabalhava com ele. Seus dias como presbítero da igreja foram curtos e o conselho da igreja na qual ele servia nunca verá aquilo que seus dons e dedicação poderiam fazer para edificar a comunidade da fé. Nunca mais o veremos sentado na mesa dos almoços de domingo, com seu lindo sorriso e as brincadeiras que os sobrinhos adoravam. O futuro se foi, não existe mais, ficou apenas o vazio e uma profunda dor.

Esse sentimento de vazio e desolação não é apenas emocional, mas profundamente espiritual. Durante quatorze meses, não só eu e a família, mas também centenas de pessoas oraram pela cura do meu filho, que não aconteceu. Deus não respondeu às nossas orações, pelo menos não da forma como esperávamos e clamávamos. O que fazer quando Deus não responde às nossas orações, principalmente quando essas orações parecem ser justas?

Pela primeira vez em minha vida havia me dedicado, intensamente, à súplica, dia e noite, por algo que envolvia muito mais do que a cura de uma pessoa amada. Ricardinho, o único filho de Thiago e Flávia, que completou 2 anos na véspera da internação de Thiago (8 de outubro), tem síndrome de Down. Ele teve sua festinha de aniversário no final da tarde do dia 10, e logo após a festa Thiago teve de ser internado por causa de uma intensa falta de ar. Nas minhas orações, eu clamava a Deus para que a vida de Thiago fosse preservada a fim de que ele pudesse acompanhar o crescimento e a formação do seu filho, que ele tanto amava e que, certamente, dependeria muito dos pais para a sua segurança e formação. Para mim era justo que Deus o preservasse, uma vez que confiara a ele e a Flávia um filho especial. Mas Deus não atendeu ao nosso clamor.

Nesses quatorze meses, toda a família, igreja e centenas de amigos espalhados por todo canto oramos pela cura de Thiago. Muitos se levantaram, todos os dias, na madrugada, para interceder por ele. Clamamos a Deus, dia e noite, com jejuns, lágrimas e grande angústia na alma. Até as últimas horas de sua vida, nutrimos a esperança de que Deus iria intervir com seu poder e misericórdia, mas isso não aconteceu. A impotência, o sentimento de abandono e o silêncio de Deus imprimiram em mim profunda dor e angústia. É inevitável perguntar: por que Deus não respondeu às nossas orações? Não me refiro aqui às orações triviais, aquelas que fazemos hoje e amanhã já não nos lembramos mais. Orações que amigos solicitam quando precisam tomar alguma decisão ou enfrentam alguma dificuldade no trabalho; orações genéricas para Deus proteger todas as crianças do mundo ou acabar com as guerras. Refiro-me aqui às orações que são feitas com profunda paixão e desejo; ao clamor que levantamos a Deus dia e noite por justiça; orações nas quais perseveramos todos os dias porque sabemos que são cruciais. A oração que fazemos pela conversão de uma pessoa amada, pela restauração de um casamento à beira do divórcio, pela cura de um filho gravemente enfermo. Foi isso que fizemos ao longo de quatorze meses, um clamor para que Thiago fosse curado e preservado com vida, para que Deus fosse glorificado e ele pudesse cuidar do seu filho e esposa. Mas isso não aconteceu.

Muitos cristãos, como eu, têm medo de reconhecer que Deus, muitas vezes, não apenas não atende ao pedido, mas também permanece em silêncio diante de nossas súplicas. Esse foi meu sentimento no sábado dia 7 de novembro de 2020. Foi como se o convite, seguido da promessa de Jesus: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Lc 11.9), não fizesse sentido algum, pois eu pedi, e não recebi; busquei, e nada encontrei; bati, e a porta permaneceu fechada. E agora? Faltou fé? Pedi errado? Minhas motivações eram falsas? Pode ser, mas a sensação de abandono persiste. Minha primeira reação foi desistir de orar,

principalmente seguir com minhas orações de intercessão por aqueles que sofrem. Deus não vai ouvir, não vale a pena, foi o que senti.

C. S. Lewis, no livro *A Anatomia de uma Dor*, em que descreve com profunda sinceridade seus sentimentos após a morte de sua esposa, vítima de câncer, levanta a pergunta: “Onde está Deus?”. Uma pergunta que certamente muitos cristãos temem fazer, enquanto outros a fazem com algum receio de serem arrogantes ou irreverentes. Ele afirma que esse é um dos sintomas mais inquietantes quando enfrentamos o sofrimento e a dor. Segundo ele, quando estamos bem, sem grandes problemas que nos afligem, felizes com os relacionamentos, trabalho e a saúde em ordem, lembramos de Deus com gratidão e louvor. Temos a sensação de que Deus está sempre ali, de braços abertos para nos receber e abençoar. Mas, quando estamos passando por uma grande necessidade e sofrimento, quando enfrentamos uma crise profissional e perdemos o emprego tão importante para o sustento da família, quando acontece alguma tragédia em que pessoas que amamos são tiradas de nós de uma hora para outra ou quando nos deparamos com uma enfermidade para a qual a medicina não oferece alternativas – encontramos uma porta fechada “ao som do ferrolho sendo passado duas vezes do lado de dentro. Depois disso, silêncio”.¹

Foi isso que experimentei: silêncio. Durante toda a minha vida nunca havia enfrentado problemas muito graves, pelo menos não do tipo que me colocasse de joelhos noite e dia por mais de um ano. Sempre vivi com razoável conforto e segurança. Nenhuma doença grave ou crônica, nenhuma tragédia violenta, acidente, nada. Minha mãe faleceu ainda nova, a experiência mais difícil que eu já enfrentara; mas, como foi uma morte súbita, não houve a angústia nem o sofrimento que antecede quando a enfermidade se arrasta por meses ou anos. Por isso, não houve sequer orações para que fosse curada; simplesmente tivemos de enfrentar o fato de sua perda. Porém, com meu filho foi diferente. Ao receber o laudo confirmando o câncer, algo que nunca imaginei que pudesse acontecer com

minha família, vi-me, de uma hora para outra, imerso num grande abismo. Durante quatorze meses enfrentei, diariamente, uma profunda angústia como nunca havia enfrentado antes, algo semelhante à situação descrita em Salmos 116.3: “Laços de morte me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim; caí em tribulação e tristeza”. Senti exatamente isso quase todos os dias. O “vale da sombra da morte” me acompanhava dia e noite.

A formação espiritual que herdei dos meus pais e da minha tradição reformada nunca me permitiu ficar ressentido com Deus, sentimento tão comum na vida de tantos cristãos hoje. Eu os compreendo e encontro nos salmos espaço para expressar todas essas emoções, tantas vezes confusas. Não nutro esse tipo de sentimento. Não tenho mágoa de Deus nem acho que ele foi injusto. Sei que Deus é bom e misericordioso, embora nem sempre consiga compreender sua bondade. Sei que ele é o Senhor da vida e da história, e que nenhum fio de cabelo cai de nossa cabeça se não for com seu consentimento. Sei que Deus é eterno e o mesmo sempre, ele nunca muda. Portanto, se algo ou alguém precisa mudar, isso tem a ver comigo, não com ele. Contudo, não posso negar os sentimentos de desolação e vazio que enfrento todos os dias, nem a pergunta que não cessa de gritar na minha mente: por que Deus não respondeu às nossas orações?

Acredito que todos já ouviram, em algum momento, que Deus responde às orações de três formas: sim, não e espere. Quando a resposta de Deus é sim, ninguém duvida que ele respondeu; testemunhamos com grande alegria aquilo que Deus fez, como um atleta que sobe vitorioso no pódio exibindo a medalha que conquistou. Mas parece-me que o “não” nem sempre vem com a mesma certeza do “sim”; é como se fosse uma conclusão por exclusão. Já que o “sim” não aconteceu, certamente a resposta é “não”, o que torna a “vontade de Deus” fatalista e negativa. Paulo orou para que Deus removesse o que ele chamou de “espinho na carne”, e a resposta de Deus foi “não”, mas, junto com a negativa, veio a

resposta positiva: “A minha graça te basta” (2Co 12.7-10). O “não” para Paulo não foi simplesmente a ausência do “sim”, mas uma resposta mais rica do que aquilo que ele havia suplicado. Quando alguém apresenta sua necessidade diante de Deus, espera receber dele aquilo que foi suplicado, seja a libertação de um vício, a conversão de uma pessoa querida, a transformação de um relacionamento conflituoso ou a cura de uma enfermidade. Quando nada acontece, dificilmente entendemos como um “não” ou um “espere”. Simplesmente Deus não respondeu, e precisamos lidar com isso.

A espera é um princípio espiritual fundamental para a prática da oração e envolve uma realidade que traz uma certa tensão: o tempo. Embora Deus seja eterno e não tenha limite de tempo ou espaço, nós precisamos de um Deus que atue no limite da nossa existência. Deus é eterno, mas a minha existência humana não é. Os salmos estão repletos desse conflito que envolve nossa percepção de tempo e o tempo de Deus. Em Salmos 90.10, encontramos que “tudo passa rapidamente, e nós voamos”. Nossa existência é breve e o tempo avança inexoravelmente. O salmista afirma: “Ele me abateu a força no caminho e me abreviou os dias. Dizia eu: Deus meu, não me leves na metade de minha vida; tu, cujos anos se estendem por todas as gerações” (Sl 102.23-24). Deus não tem limite de tempo, mas o salmista tem e se queixa da possibilidade de Deus abreviar seus curtos dias, levá-lo na metade de sua vida. Outro salmo bem conhecido é este: “Quanto ao homem, os seus dias são como a relva; como a flor do campo, assim ele floresce; pois, soprando nela o vento, desaparece; e não conhecerá, daí em diante, o seu lugar” (Sl 103.15-16). Esta é a realidade humana: florescemos e desaparecemos, e tudo acontece muito rapidamente.

A espera espiritual envolve a tensão entre a existência humana limitada e a natureza eterna de Deus. Existem muitas súplicas que, embora para nós soem como urgentes, na verdade não são. Nesse caso, precisamos lidar com a ansiedade e aprender a esperar no Senhor. Essa espera fortalece a

confiança e amadurece o relacionamento com Deus. Por outro lado, existem súplicas cuja expectativa urgente da resposta divina é crucial e é nesse contexto que sofremos de angústia, medo e desolação, quando nossas orações não são respondidas, porque a espera significa morte.

Uma outra resposta comum para as orações não respondidas é dizer que o que aconteceu foi a vontade de Deus, qualquer que seja o desfecho. Encontro aqui, pelo menos, dois problemas: o primeiro é que, se qualquer coisa que venha a acontecer é interpretada como sendo a vontade de Deus, onde fica, na prática da oração, o exercício da fé? Se no final de tudo a vontade de Deus é sempre realizada, não há necessidade de fé, apenas de uma boa dose de resiliência quando o desfecho não é o que esperamos. O segundo problema é que, quando tudo o que acontece é a vontade de Deus, não faz muito sentido orar dizendo: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10). Se a vontade de Deus é a realização do reino de Deus aqui na terra, a expressão do governo de Cristo aqui entre nós, a vontade de Deus não pode ser qualquer coisa. A vontade de Deus, mesmo quando se expressa numa provação, como aconteceu com o povo de Deus, no Velho e no Novo Testamentos, ou na forma de um juízo divino, quando ele levanta uma nação para disciplinar seu povo, ou mesmo numa experiência pessoal de sofrimento como foi o caso de José, Jó, Paulo e muitos outros, é sempre reconhecida como o meio que Deus usa para revelar e manifestar seu reino entre nós. Podemos, naquele momento, não perceber a mão de Deus agindo, mas certamente não se trata de qualquer coisa.

O Deus bíblico, revelado nas Escrituras Sagradas e encarnado em Jesus Cristo, é um Deus pessoal, justo, bom, misericordioso, fiel, compassivo e todo-poderoso. Seus propósitos revelam seu caráter perfeito. Afirmar que Deus é soberano sobre todas as coisas não significa que todas as coisas contenham a assinatura divina. A queda corrompeu o coração humano e atingiu toda a ordem criada. Sofrimento, fadiga, inimizade, espinhos e

abrolhos são parte da realidade na qual vivemos. O ser humano foi expulso do jardim e lançado num mundo que lhe será, muitas vezes, hostil.

A vontade de Deus, para muitos cristãos, tem um sentido negativo e fatalista, algo do tipo: pedi que Deus salvasse meu casamento, mas, já que ele não salvou, que seja feita a sua vontade; orei para que meu emprego fosse preservado, mas, já que fui demitido, que seja feita a vontade de Deus. Trata-se de uma atitude simplista que não revela a grandeza do governo de Deus, o espaço onde sua vontade é feita aqui na terra como é feita no céu. Não há, nessa atitude, nenhuma expectativa exultante da manifestação gloriosa daquilo que Deus está realizando. Tenho a impressão de que o conceito da vontade de Deus para muitos cristãos se assemelha ao conceito de destino para os ateus. Seja lá o que aconteça, alguns cristãos irão dizer que foi a vontade de Deus e um ateu dirá que foi o destino. Quando a vontade de Deus se transforma em qualquer coisa, o que nos resta fazer é descobrir algo de bom naquilo que aconteceu. Pode ser que funcione, mas nem sempre vai funcionar.

A vontade de Deus não pode ser qualquer coisa e isso intensifica a tensão que vivemos diante do sofrimento e da dor. Intensifica o sentimento de abandono diante das orações não respondidas. Afirmar que foi da vontade de Deus que meu filho morresse de câncer, aos 41 anos de idade, deixando sua esposa e um filho especial de 2 anos, parece-me assustador. Porém, não reconhecer a presença amorosa de Deus e sua soberania que conduz todas as coisas para o fim que ele mesmo determinou é desesperador. Por outro lado, depois de clamar dia e noite, por mais de quatorze meses, pela sua cura e não ver nada acontecer é desolador. Não posso dizer que Deus esteve indiferente a tudo isso, e muito menos que tenha, por algum momento, abdicado de sua soberania sobre a vida do meu filho. Tudo o que posso fazer, no momento, é aceitar esse profundo e doloroso mistério. Sei que Deus sempre amou o meu filho, minha nora e meu neto, como sei que todos nós que clamamos com jejuns e lágrimas, e sofremos a sua perda, somos

também amados por Deus; sei também que meu filho tinha um profundo desejo de ser curado e uma confiança sincera de que Deus o preservaria com vida e saúde para cuidar de sua esposa e filho; e creio firmemente que o governo da história está nas mãos daquele que está assentado no trono, e é o único digno de abrir o livro e desatar-lhe os selos.² E, por fim, reconheço que juntar essas coisas não é fácil. Não me encontro numa crise de fé; talvez a imagem mais próxima do que sinto neste momento é que estou atravessando um grande e escuro vale. Sei que do outro lado uma mesa com um grande banquete me espera, mas, até lá, tenho de prosseguir com minhas perguntas, dúvidas, lágrimas e angústias, sendo guiado pelo Bom Pastor, na escuridão em que me encontro.

Logo nos primeiros dias de luto, veio-me a lembrança do livro e das parábolas. Embora julgasse que minha abordagem sobre as parábolas e a oração estava, até onde consigo refletir, suficientemente madura, com a morte do meu filho tudo ficou confuso. Aquilo que eu havia compreendido nas minhas meditações sobre as parábolas e que me estimulou à oração incessante agora eram como peças de um quebra-cabeça que saltaram do lugar e já não se encaixavam mais. Certamente não estavam no lugar correto. Decidi, então, deixá-lo com essas peças soltas por um tempo. Porém, como às vezes penso melhor com as mãos do que com a cabeça, resolvi escrever sobre aquilo que estava perturbando minha alma: por que Deus, muitas vezes, não responde às nossas orações?

As parábolas contêm o ensino de Jesus sobre a oração, e seu conteúdo é desafiador porque toca nas perguntas, dúvidas e inquietações que vivo e imagino que muitos outros vivem. Desenvolvo o conteúdo deste livro da seguinte forma: após esse breve relato pessoal do que tenho experimentado, apresento uma introdução às parábolas tendo como fundamento a oração do Pai-Nosso apresentada por Jesus no início da primeira parábola. Depois, sigo com as três parábolas e a forma como cada uma delas contribui para uma compreensão daquilo que constitui um dos temas mais importantes do

evangelho: a oração. Por fim, antes da conclusão do livro, volto a alguns temas, perguntas e dúvidas que levantei na apresentação, procurando considerá-los a partir do conteúdo das parábolas de Jesus.

1. LEWIS, C. S. *A anatomia de uma dor*: um luto em observação. São Paulo: Editora Vida, 2007. p. 33.↵
2. Apocalipse 5 descreve que apenas Jesus é digno de dar sentido à história. Ele é o Cordeiro de Deus, que pela sua morte e ressurreição assumiu seu lugar no trono, de onde governa o universo.↵

Introdução

SOMENTE NO EVANGELHO DE LUCAS encontramos as três parábolas de Jesus sobre oração: “a parábola do amigo importuno” (Lc 11.5-8), “a parábola do juiz iníquo” (Lc 18.1-8) e “a parábola do fariseu e o publicano” (Lc 18.9-14).¹ Nessas parábolas Jesus não nos apresenta uma forma ou estrutura para a oração; isso ele faz na oração conhecida como Pai-Nosso. Nas três parábolas, Jesus nos apresenta princípios, verdades e exortações que nos orientam na prática da oração. Ao usar a linguagem das parábolas para falar sobre a oração, Jesus nos convida a usar a imaginação para entrar neste grande mistério que envolve o relacionamento de Deus com o seu povo. À medida que Jesus nos revela verdades preciosas, lançando luz em nossa mente e coração, novas perguntas e dúvidas vão também surgindo, envolvendo-nos num processo dinâmico de crescimento em que as ansiedades e angústias estarão sempre presentes. O grande reformador João Calvino reconhece que a ansiedade e a angústia são perturbações necessárias à prática da oração:

Não insisto com a mente tão desengajada que não sinta as perturbações da ansiedade; ao contrário, o fervor da oração é inflamado pela ansiedade. Assim, vemos que os santos servos de Deus sofrem grande angústia, para não dizer solicitude, quando fazem subir ao Senhor a voz do queixume a partir do abismo profundo e das mandíbulas da morte.²

A angústia da alma está presente em grande parte do Saltério e ela impulsiona o ser humano a se voltar para Deus. Calvino insiste que a mente deve evitar a dispersão por qualquer necessidade mundana, e a angústia arranca do abismo profundo o anseio mais sincero e verdadeiro.

Enquanto me dedico a ler e meditar nessas parábolas, minha compreensão da oração alcança novas percepções. É isto que as parábolas fazem: nos ajudam a compreender as mesmas verdades de ângulos sempre renovados. Tenho lido todas elas durante toda a minha vida e, mesmo depois de tantos anos, elas continuam me surpreendendo com novas perguntas e novas verdades. Qualquer esforço para sistematizar o ensino e a prática da oração tende a diminuir seu significado e abrangência, particularmente o esforço para sistematizar as parábolas, porque um dos propósitos delas é despertar nossa imaginação.

Os Salmos, o livro de oração dos cristãos, nos ajudam a perceber isso. Quando lemos com atenção e procuramos compreender a linguagem, os motivos e as formas de oração no Saltério, percebemos sua riqueza, variedade, abrangência e descobrimos que a oração envolve um universo que não cabe em um manual de dez passos. O pastor Timothy Keller, no primeiro capítulo do seu livro sobre oração, afirma que a oração “é a maneira de conhecermos a Deus, o caminho para, enfim, tratá-lo como Deus. A oração nada mais é que a chave para tudo o que precisamos fazer e ser na vida”.³ Conhecer a Deus nos envolve num mistério insondável e desperta em nós um desejo de buscá-lo e nos relacionarmos com ele de forma pessoal e íntima.

O PAI-NOSSO: A PORTA DE ENTRADA PARA O MISTÉRIO DA ORAÇÃO

Na introdução à primeira parábola, encontramos os discípulos fazendo um pedido a Jesus: “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11.1). Esse é o único pedido dos discípulos registrado nos Evangelhos. Eles não pedem para Jesus ensiná-los a pregar, curar, aconselhar, evangelizar ou realizar sinais e prodígios. Eles percebem que tudo o que Jesus fazia e tudo o que ele ensinava e pregava era fruto do relacionamento que ele tinha com o Pai.

Eles viam Jesus frequentemente retirando-se para orar e sabiam que toda a sua vida e todo o seu ministério estavam relacionados à sua vida de oração.

Jesus responde a esse pedido dos discípulos de duas formas: a primeira é com um modelo de oração – o Pai-Nosso. Nessa oração, Jesus oferece aos seus discípulos a estrutura básica da teologia e da prática da oração. A segunda é uma parábola (as outras duas aparecem depois): Jesus conta uma parábola para ajudá-los a entender as verdades que sustentam a prática da oração. Embora minha intenção seja explorar as parábolas e o ensino delas sobre a oração, é necessário fazer algumas considerações sobre a oração que Jesus nos ensinou. A razão é simples: o conteúdo das parábolas é a forma como Jesus ajuda seus discípulos a compreenderem a resposta à pergunta que fizeram ao Mestre (“ensina-nos a orar”), e elas nos remetem, sempre, de volta à oração do Pai-Nosso. Tanto as orações de Jesus como o seu ensino sobre a prática da oração têm na oração que ele ensinou aos seus discípulos sua estrutura básica.

A primeira consideração é sobre a oração em si. Jesus responde à pergunta dos seus discípulos com uma oração que tem apenas quarenta palavras. Uma oração que todos já memorizaram. No entanto, uma pergunta sempre me incomodou: por que a oração que Jesus nos ensinou não é a oração que oramos? Não é difícil perceber que o Pai-Nosso não é a estrutura que fundamenta as nossas orações. Os discípulos pedem que Jesus os ensine a orar, e ele responde a esse pedido dizendo: “Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia; perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve; e não nos deixes cair em tentação” (Lc 11.2-4). Quando consideramos as orações que fazemos, seja na devoção pessoal, no culto comunitário ou nos grupos familiares, essa não é a estrutura que molda nossas orações, pelo menos a maioria delas. É no mínimo estranho perceber que os discípulos de Jesus não levam a sério o ensino dele sobre a oração.

Não se trata de usar o Pai-Nosso como se fosse uma espécie de “mantra” para ser repetido mecanicamente, mas de uma estrutura que deve estabelecer os fundamentos da prática da oração. Quando analisamos as orações de Jesus, todas elas têm a mesma estrutura apresentada no Pai-Nosso, e veremos também que, nas parábolas que ele contou sobre oração, todas elas nos remetem à oração de Jesus.

A oração que Jesus nos ensinou começa com Deus, e não conosco: o nome de Deus, o reino de Deus e a vontade de Deus. A agenda de Deus, e não a nossa, vem em primeiro lugar e segue com a agenda do povo de Deus – o pão nosso, as nossas dívidas e as nossas tentações. Basta prestar atenção nos pronomes: teu, tua, nosso, nossas, que temos uma percepção clara da estrutura da oração de Jesus. Será que nossas orações têm essa mesma estrutura? Normalmente os pronomes eu e meu ocupam muito mais espaço em nossas orações do que os pronomes teu, tua, nosso, nossas, da oração do Senhor. Qualquer reunião de oração geralmente começa com alguém perguntando pelos pedidos. Um a um apresenta suas necessidades para o grupo orar. É raro, nessas reuniões, ouvir alguém apresentar a necessidade de pedir para que o reino de Deus venha, que sua vontade seja feita ou que o nome de Deus seja santificado em tudo o que somos ou fazemos. É possível que alguém peça oração pelo pão de cada dia, mas geralmente pelo seu, não pelo nosso. Oramos para que Deus nos perdoe dos nossos pecados, mas não necessariamente para que perdoemos com o mesmo perdão com que somos perdoados por Deus os que nos têm ofendido. Também é raro alguém orar pelos riscos de cair em tentação, pois evitamos tocar nesse tema publicamente.

Outra observação importante que encontramos no ensino de Jesus sobre a oração aparece na introdução ao Pai-Nosso no Evangelho de Mateus 6.5-8. Nestes versículos, Jesus nos orienta a não agirmos como os gentios que não conhecem a Deus e que presumem, a partir de sua experiência religiosa, que o poder de sua oração está na retórica, na repetição, e não na compreensão

de quem Deus é. Jesus afirma que o Deus a quem nos dirigimos em oração é nosso Pai, o mesmo Pai a quem ele se dirige quando ora, e que ele conhece todas as nossas necessidades antes mesmo de fazermos nossos pedidos. Ele volta a esse tema no mesmo capítulo quando fala da vida ansiosa nos versos 25 a 34. Jesus orienta seus discípulos a não se preocuparem com suas necessidades básicas, como: comer, beber, vestir. A razão para isso já foi afirmada anteriormente quando ele disse que “o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais” (Mt 6.8). Ele insiste em dizer que não devemos nos inquietar com perguntas tais como: “Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos?” e segue dizendo mais uma vez: “Os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas”. Ele termina afirmando: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.31-33).

Jesus está orientando seus discípulos quanto à prática da oração, e afirma que eles não precisam se preocupar com o que comer, beber ou vestir, que são as preocupações básicas do dia a dia de todos nós, mas se ocupar com o reino de Deus e a sua justiça. Em outras palavras, o que Jesus está dizendo é basicamente o seguinte: quando vocês forem orar, não fiquem preocupados com essas necessidades básicas, o Pai celeste sabe que vocês precisam delas, busquem o reino de Deus e sua justiça e essas coisas serão acrescentadas. Porém, o que fazemos é exatamente o oposto: oramos pelo que Jesus disse que não precisaríamos orar e não oramos pelo que ele disse que deveríamos orar. Não é estranho? Se não aprendemos a orar com Jesus, com quem foi que aprendemos? Quando oramos pelo reino e sua justiça, oramos por todas as outras coisas necessárias para nós e os outros.

Não quero que me entendam mal. Podemos e devemos suplicar por nossas necessidades pessoais, familiares e comunitárias (veremos isso no ensino de Jesus nas parábolas sobre a oração), mas é importante reconhecer que a estrutura básica apresentada na oração do Pai-Nosso precisa ser

compreendida e preservada. Mesmo quando oramos por nossas necessidades pessoais, a estrutura apresentada na oração que Jesus nos ensinou precisa ser considerada. O Deus a quem nos dirigimos é o “Pai nosso” que conhece todas as nossas necessidades antes mesmo que as expressemos em nossas súplicas. Oremos sempre, e em primeiro lugar, para que o reino de Deus se manifeste em nós e entre nós com justiça e poder, e que a vontade de Deus seja feita aqui na terra como ela é feita no céu. As parábolas de Jesus registradas por Lucas sobre a oração nos ajudam a entender melhor o Deus a quem oramos e a natureza da oração em si.

-
1. Os títulos das parábolas foram tirados da versão Almeida Revista e Atualizada.↵
 2. CALVINO, João. *Oração: o exercício contínuo da fé*. São Paulo: Editora Vida, 2016. p. 15.↵
 3. KELLER, Timothy. *Oração: experimentando intimidade com Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 27.↵

CAPÍTULO 1

Primeira parábola: O amigo importuno (importuno?)

Disse-lhes ainda Jesus: Qual dentre vós, tendo um amigo, e este for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, pois um meu amigo, chegando de viagem, procurou-me, e eu nada tenho que lhe oferecer. E o outro lhe responda lá de dentro, dizendo: Não me importunes; a porta já está fechada, e os meus filhos comigo também já estão deitados. Não posso levantar-me para tos dar; digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia, o fará por causa da importunação e lhe dará tudo o de que tiver necessidade.

– Lucas 11.5-8

O TÍTULO DESSA PARÁBOLA na versão Almeida Revista e Atualizada aparece como “A parábola do amigo importuno”. É um título “importuno” porque nos induz a uma compreensão limitada da parábola. Somos levados a pensar que o ponto principal do ensino de Jesus nessa parábola sobre a oração diz respeito à persistência do “amigo importuno”, que insiste em acordar seu amigo à meia-noite e continua batendo na porta até conseguir o que precisa. Na parábola do juiz iníquo e a viúva, o tema da perseverança na oração irá aparecer, não é o caso dessa parábola.

Se o objetivo da parábola é revelar-nos a natureza do Deus a quem nos dirigimos em oração, e se Deus se revela na parábola como alguém que

demonstra uma enorme má vontade em nos atender, que fica gritando do lado de dentro: “Não me importunes; a porta já está fechada, e os meus filhos comigo também já estão deitados. Não posso levantar-me para te atender” – que incentivo encontramos nessa parábola para orar? É isso que Jesus está querendo revelar aos seus discípulos? Essa é uma imagem bastante comum entre os cristãos; não me refiro à perseverança, mas à imagem de um Deus que resiste em nos ouvir. Se o ponto principal da parábola não é sobre o “amigo importuno” que foi pedir pão na madrugada e precisou insistir até conseguir o que queria, é sobre o quê? O que Jesus queria ensinar aos seus discípulos sobre oração com essa parábola?

O reverendo Darrell Johnson, professor de teologia pastoral e pregação no Regent College, em Vancouver, Canadá, em um sermão sobre essa parábola, me ajudou a compreendê-la de uma maneira que até então eu não havia me dado conta, pois sempre a interpretei como uma exortação a permanecer insistindo na súplica até conseguir o que preciso. Ele chama a atenção para o fato de que a parábola começa com uma pergunta (versos 5 a 7): “Qual dentre vós [...]?”. Em outras palavras, Jesus está perguntando aos discípulos: “Vocês conseguem imaginar isso?” ou “É possível que algo assim aconteça?”. Algum amigo seria capaz de negar um pedido seu, mesmo que fosse tarde da noite? Essa pergunta tem um contexto cultural que, segundo Darrell Johnson, precisa ser considerado. Se lermos essa parábola com as lentes de uma pessoa que vive numa cidade grande, moderna, violenta e impessoal como São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York ou Londres, a resposta seria sim, qualquer um se negaria a levantar tarde da noite para socorrer alguém, mesmo que fosse um amigo. O porteiro do prédio ou condomínio não deixaria o amigo nem sequer entrar à meia-noite, e, se não houvesse porteiro, ao menor sinal de alguém na porta da casa por volta da meia-noite, a polícia seria acionada e em poucos minutos o amigo necessitado de pão estaria preso.

No entanto, para a cultura da Palestina do primeiro século, ou mesmo para uma cultura como a latina em cidades menores, a resposta seria não, ninguém seria capaz de negar ajuda a um amigo, não importa a hora que essa ajuda fosse solicitada. A porta seria aberta e o amigo atenderia de bom grado ao pedido, oferecendo o pão ou qualquer outra coisa que fosse necessária. A hospitalidade, em muitas culturas, é uma questão de honra. Esse é o caso da cultura do Oriente Médio e, particularmente, da Palestina do primeiro século. É dentro desse contexto que Jesus levanta a pergunta.

Eu nasci e cresci em Anápolis, no estado de Goiás. Nas décadas de 60 e 70 era uma cidade pequena e com um número expressivo de imigrantes árabes, libaneses e sírios. Uma das irmãs de minha mãe se casou com um libanês, e tive o privilégio de morar com eles por um ano quando meus pais, em meados dos anos 60, mudaram-se para uma cidade pequena do interior de Goiás. Na casa dos meus tios sempre havia comida em abundância – algo muito comum nas famílias goianas. Porém, para o meu tio, era uma questão de honra que todos que chegassem à sua casa comessem bem, isto é, muito. Foi com ele que aprendi a usar o pão (pão sírio) no lugar de garfo e faca. A mesa era sempre farta, e, se alguém chegasse sem avisar, na hora do almoço, sempre havia comida suficiente.

Voltemos à pergunta da parábola. Imaginemos que um amigo recebe um hóspede inesperado tarde da noite e não tem pão para lhe oferecer. Enquanto o hóspede toma seu banho, ele vai correndo à casa do seu amigo mais próximo, bate na porta, acorda o amigo e diz que precisa urgentemente de pão, pois acabou de receber um hóspede e não tem pão para oferecer. Imaginemos agora o amigo, de dentro da casa, responder dizendo: “É tarde, já estou deitado e minha família já está dormindo. Não vou me levantar e, por favor, vá embora e não me incomode”. Você consegue imaginar essa cena? Seria isso possível? Claro que não. Por quê? Porque estamos na Palestina no primeiro século.

Como já dissemos, na cultura palestina do primeiro século é vergonhoso negar hospitalidade e comida, muita comida, particularmente a um amigo. Isso é vergonhoso também numa cultura como a que encontramos no interior de vários estados brasileiros. A hospitalidade é bem conhecida pela sua generosidade. Minha convivência com amigos descendentes de árabes e com a cultura de Anápolis, onde nasci e cresci, mostram isso claramente. Portanto, nos versículos 5 a 7 Jesus levanta uma pergunta, cria uma cena e procura levar os discípulos a imaginarem como seria se algo assim acontecesse. Certamente eles sabiam que aquele era um cenário improvável. Chegamos, então, ao versículo 8, em que Jesus apresenta o propósito da parábola e o sentido da oração.

A palavra “importunação” que aparece no verso 8 – “digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia, o fará por causa da importunação e lhe dará tudo o de que tiver necessidade” – se refere ao que pede o pão ou ao amigo a quem o pão é solicitado? Normalmente interpretamos a importunação como sendo a atitude desesperada e insistente do amigo que pede o pão. Por isso concluímos que o ponto principal da parábola é a necessidade de importunar, ser insistente na oração. Mas é possível que a palavra “importunação” se refira não ao amigo que pede o pão, mas ao amigo a quem o pão é solicitado, ao amigo que grita do interior da casa dizendo: “Não me importunes; a porta já está fechada, e os meus filhos comigo também já estão deitados. Não posso levantar-me para atender você”. É ele que se sente incomodado? Por quê? Por que é tarde e a família está dormindo? Possivelmente; mas é só isso que o incomoda? Olhemos atentamente para o versículo 8: “Digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia, o fará por causa da importunação e lhe dará tudo o de que tiver necessidade”. A versão Nova Almeida Século 21 traduz o texto da seguinte forma: “Eu vos digo que, mesmo que não se levante para dar os pães por causa da amizade, ele se levantará por causa do incômodo e dará quantos pães o outro precisar”. Esse incômodo diz respeito

ao amigo a quem o pão é solicitado, e não ao que bate na porta. No entanto, ele se sente incomodado por quê?

A palavra “importunação”, ou “incômodo”, vem da palavra grega *anadeian*, que significa literalmente “evitar a vergonha”. Ele vai levantar e dar o pão para evitar a vergonha. Esse era o incômodo que ele enfrentou. Não foi o barulho do amigo batendo na porta, nem o fato de ele já estar deitado e dormindo com sua família, mas o incômodo de passar vergonha. Como já dissemos, os versos 5 a 7 formam uma pergunta e o verso 8 descreve a razão pela qual o amigo a quem o pão é solicitado irá atender ao que lhe foi pedido. Todo o verso 8 descreve o motivo da reação do amigo a quem o pão foi solicitado. Se ele não se levantar e não der o pão que foi solicitado, é possível imaginar esse amigo enfrentando o olhar dos vizinhos no dia seguinte. Todos indignados com ele por ter se negado a se levantar e dar aquilo de que seu amigo necessitava.

O reverendo Darrell Johnson, em seu sermão sobre essa parábola, nos apresenta essa rica interpretação, que resgata o sentido da parábola e a mantém alinhada com a oração que Jesus havia acabado de ensinar aos seus discípulos. A pergunta que Jesus levanta nos versos 5 a 7 não diz respeito ao amigo importuno que foi pedir pão, mas à impossibilidade de o amigo a quem ele foi pedir pão não lhe abrir a porta e dar tudo o de que necessitava. Isso, sim, seria inimaginável para aquela cultura e até mesmo para muitos hoje. A vergonha não se aplica ao que pede, mas àquele a quem o pão é solicitado. Ele dará o pão por causa da vergonha.

Olhando de forma mais positiva, ele abrirá a porta e dará o pão por causa da honra, e não por causa do incômodo. Mesmo que ele estivesse muito cansado e até mesmo odiasse o vizinho que lhe pediu pão, ainda assim ele levantaria e daria o pão por causa da honra do seu nome. A nossa cultura ocidental, individualista, não entende isso, mas os ouvintes de Jesus sabiam bem que era impossível alguém, naquela cultura, recusar algo,

particularmente comida e hospitalidade, a um amigo, mesmo que esse pedido fosse feito numa hora inconveniente.

Chegamos então no sentido da parábola. Jesus não está orientando seus discípulos sobre a necessidade de importunar Deus, mas sobre a impossibilidade de Deus, o Pai de Jesus Cristo, o Pai nosso, não atender ao que lhe é pedido. Por quê? Porque é vergonhoso, desonra o nome de Deus. A honra de uma pessoa no Oriente está relacionada com a forma como ela trata seus hóspedes. Muitas parábolas de Jesus e outros eventos narrados nos Evangelhos acontecem em torno da mesa. Convidar pobres, cegos, deficientes físicos e mendigos para a mesa é uma forma de afirmar a dignidade deles. Apocalipse termina com a imagem de uma grande ceia. O Salmo 23 nos mostra que, depois de atravessar o vale da sombra da morte, teremos diante de nós um grande banquete.

Voltemos à oração que Jesus ensinou aos seus discípulos. Em sua primeira súplica afirmamos: “Pai, santificado seja o teu nome”. Honrado seja teu nome. Por que a oração começa assim? Porque Deus zela pelo seu nome. Ele age por causa da honra do seu santo nome. Ele não vai ouvir o vizinho, no dia seguinte, dizer que ele não abriu a porta para o amigo necessitado. A honra do nome de Deus é o princípio que define a ação de Deus. Veja o que o profeta Ezequiel afirma:

Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o Senhor Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes. Vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas; as nações saberão que eu sou o Senhor, diz o Senhor Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante elas [...] Não é por amor de vós, fique bem entendido, que eu faço isto, diz o Senhor Deus.

– Ezequiel 36.22-23, 32a

A consequência mais trágica do pecado do povo de Deus foi a profanação do santo nome de Deus. No mundo antigo, a derrota de um povo era considerada como um fracasso dos seus deuses. No caso de Israel, a reputação do Senhor como um Deus santo, justo e distinto de todos os outros deuses ficou comprometida pela infidelidade de Israel e sua falta de confiança no seu Deus. Deus então promete vindicar sua santidade e a honra do seu nome, que foi profanado pela desobediência do seu povo. A expressão é muito forte; Deus diz que não irá agir por causa do seu amor pelo seu povo, mas por causa dele mesmo, da honra do seu nome.

O profeta Isaías também afirma que Deus executa sua vontade e seus juízos por causa da honra do seu nome:

Por amor do meu nome, retardarei a minha ira e por causa da minha honra me conterei para contigo, para que te não venha a exterminar.
– Isaías 48.9

O tema aqui é o mesmo. Deus promete retardar sua ira por causa da honra do seu santo nome. Deus julga o seu povo por sua hipocrisia, idolatria, arrogância, mas promete salvar o povo por amor do seu nome. Não há mérito na conduta do povo. Não é por causa dele que Deus decide retardar sua ira, mas por causa da honra e da santidade do próprio Deus.

Esse foi o argumento de Moisés quando ora para Deus não destruir o povo diante da idolatria. Veja o que ele diz em sua oração:

Por que hão de dizer os egípcios: Com maus intentos os tirou, para matá-los nos montes e para consumi-los da face da terra? Torna-te do furor da tua ira e arrepende-te deste mal contra o teu povo.
– Êxodo 32.12; cf. Deuteronômio 9.25-29

O argumento de Moisés foi apelar para a honra do nome de Deus. O que os egípcios vão dizer sobre o Senhor? Que Deus é este que liberta o povo para matá-lo no deserto? Então ele suplica que Deus deixe de lado a sua ira e seja misericordioso para com o povo, mesmo sendo este povo pecador.

O mesmo acontece com Davi, que também apela para a honra do nome de Deus ao suplicar pelo seu perdão:

Por causa do teu nome, Senhor, perdoa a minha iniquidade, que é grande.

– Salmos 25.11

Uma grande verdade que nos motiva a orar é a obra de Cristo na cruz. O autor de Hebreus nos incentiva a orar dizendo:

Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

– Hebreus 4.14-16

O princípio para nos aproximarmos do trono da graça com confiança é a obra do grande sumo sacerdote que entrou em nosso mundo, conhece nossas fraquezas e necessidades, enfrentou as mesmas lutas e tentações que enfrentamos, mas sem pecado. Ele é o nosso grande intercessor. Nosso grande Sumo Sacerdote. Por causa de sua compaixão, amor e misericórdia, temos a certeza de que receberemos o socorro divino no momento certo.

Outra certeza que temos e que nos faz aproximar de Deus em oração e súplica é saber que somos filhos e filhas de Deus, adotados por meio de Jesus Cristo. Não oramos como negociadores que buscam o melhor argumento, a melhor ocasião para persuadir e receber o que desejamos. Oramos como filhos. Oramos porque somos amados por Deus e o amamos. Oramos porque, antes de qualquer coisa, a oração é um meio de relacionamento.

Outro motivo que temos para orar é saber que Deus fez uma aliança conosco por meio do sangue do seu Filho unigênito e que fazemos parte do seu povo. Nessa aliança ele prometeu ser o nosso Deus e nós prometemos ser seu povo. Ele prometeu também que nunca nos abandonaria e que gravaria em nosso coração a sua palavra.

No entanto, como afirma o reverendo Johnson em seu sermão, temos uma certeza que certamente nos impressiona ainda mais: mesmo que ele não nos amasse e não fosse misericordioso para conosco, mesmo que não fôssemos seus filhos e filhas, ele ama seu nome e jamais irá desonrá-lo – “Pois o Senhor, por causa do seu grande nome, não desampará o seu povo, porque aprouve ao Senhor fazer-vos o seu povo” (1Sm 12.22). Deus age por causa da honra do seu nome, e tudo o que acontece conosco afeta seu nome porque carregamos seu nome conosco. Somos o povo que é chamado pelo nome de Deus – “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia” (1Pe 2.9-10). Somos seu povo, carregamos conosco o seu nome. Mesmo que sejamos rebeldes e venhamos a nos afastar dele, ainda assim, ele nos ouvirá por causa da honra do seu santo nome.

O que essa parábola nos ensina é que nós não somos um “*amigo importuno*”, nem que Deus é alguém que se recusa a se levantar da cama para abrir a porta e nos socorrer. Deus é o Pai nosso, é assim que ele nos ensina a orar, é assim que devemos iniciar nossas orações. Essa verdade precisa ser a primeira quando nos voltamos para Deus em oração. Ele é o Pai que conhece todas as nossas necessidades antes mesmo de batermos na porta dele. Deus nos atenderá, não porque somos “especiais” – sabemos que não somos –, mas por causa da honra do seu nome, e ele nos concederá aquilo de que tivermos necessidade.

O Deus cristão é santo e o seu nome é honrado. É verdade que nem sempre o honramos, muito pelo contrário. Mas é por isso que Jesus nos ensina a orar assim: “Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome”. É por isso que o terceiro mandamento do Decálogo nos diz para “não tomar o nome do Senhor em vão”, que significa usar o nome de Deus para qualquer coisa que ofenda a santidade e a honra do seu nome.

Aqui Jesus termina a parábola, mas não o ensino sobre a oração. Nos versos 1 a 4 ele estabelece o fundamento da oração, nos versos 5 a 8 ele nos conta a parábola do “amigo generoso” e nos versos 9 a 13 ele faz a conclusão mais impressionante.

Por isso, vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á. Qual dentre vós é o pai que, se o filho lhe pedir [pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir] um peixe, lhe dará em lugar de peixe uma cobra? Ou, se lhe pedir um ovo lhe dará um escorpião? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?

– Lucas 11.9-13

Os três verbos que Jesus usa – pedir, buscar e bater – não dizem respeito à insistência, mas à segurança e confiança, porque todo aquele que pede, recebe; todo aquele que busca, encontra; e a todo aquele que bate, a porta será aberta. É o convite mais eloquente para orar. Jesus continua explorando a imagem de um pai. Nenhum pai, por mais limitado e pecador que seja, jamais daria ao filho uma pedra no lugar de um pão, ou uma cobra no lugar de um peixe. Todos nós que somos pais nos empenhamos ao máximo para dar aos nossos filhos aquilo de que necessitam. Esse é um princípio do qual nenhum de nós discorda. Por isso Jesus afirma que o nosso Pai celeste, que não sofre de limitações ou imperfeições, nos dará muito mais do que nós somos capazes de dar aos nossos filhos.

Você consegue agora se imaginar batendo na porta da casa do Pai do céu, o Pai de Jesus Cristo, pedindo pão ou outra coisa de que você precise, e ele gritar lá de dentro dizendo: “Não me incomode, já estou dormindo! Volte outra hora!”? Acha isso possível? Seria essa a resposta que o Pai celeste daria? Claro que não. Ele honra o seu santo nome, e, por causa do seu nome, ele sempre abrirá a porta. O convite de Jesus é para pedir, buscar e bater; e todo o que pede, recebe; todo o que busca, encontra; e a todo o que bate, a porta será aberta. E o que o Pai nos dará? O Espírito Santo. Haveria algo maior do que o próprio Deus para ele nos dar? Ele nos dará tudo o de que tivermos necessidade.

Esse é o primeiro princípio que as parábolas sobre oração nos ensinam. Não se trata de regras, truques, fórmulas, mas de um princípio que tem na oração do Pai-Nosso sua estrutura básica. A parábola do “amigo generoso” ou do “Pai que honra seu nome” poderiam ser bons títulos para essa parábola, pois nos ajudam a entender a invocação da oração que Jesus nos ensinou.

CAPÍTULO 2

Segunda parábola: O juiz iníquo

Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer: Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum. Havia também, naquela mesma cidade, uma viúva que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário. Ele, por algum tempo, não a quis atender; mas, depois, disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum; todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me. Então, disse o Senhor: Considerai no que diz este juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?

– Lucas 18.1-8

JESUS APRESENTA, na introdução, seu propósito em relação à parábola: incentivar os discípulos a orar sempre e nunca desanimar. É uma das poucas parábolas em que Jesus declara sua intenção logo no início. Ele coloca a oração na categoria de “dever”: “uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer”; expressão que causa em muitos uma reação negativa, porque a oração deveria ser sempre um prazer, jamais um dever. Vivemos na era do “pós-dever”, na qual preferimos considerar a oração

como expressão do relacionamento íntimo com Deus, caracterizado pelo deleite, e não pela obrigação. A intimidade com Deus, por meio da oração, é necessária e legítima. No entanto, a parábola não é sobre o deleite e o prazer da oração, mas sobre a oração como luta espiritual por justiça, e é nesse sentido que Jesus fala sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer.

O filósofo coreano radicado na Alemanha Byung-Chul Han, em seu livro *Sociedade do Cansaço*, afirma que vivemos numa sociedade que não é mais estruturada pela disciplina, mas pelo desempenho, na qual as pessoas “não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção”.¹ Para ele, o sujeito dessa sociedade busca, antes de tudo, liberdade e prazer, por isso ele “não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar prazer. Tampouco se trata de seguir o chamado de um outro. Ao contrário, ele ouve a si mesmo. Deve ser um empreendedor de si mesmo”.² O apelo de Jesus nessa parábola é contracultural.

É interessante notar como nas últimas décadas o cristianismo ocidental absorveu esses padrões culturais que Byung-Chul Han descreve, tanto na música como na oração. Os cânticos que cantamos são mais intimistas, procuram criar um clima de prazer e tranquilidade pessoal, muito diferente dos velhos hinos que convocam o povo de Deus para a luta contra o pecado, a obediência na evangelização e a resistência ao mundo e ao mal. O mesmo percebemos na oração. Somos incentivados ao recolhimento pessoal, meditação e contemplação, cuidado das feridas interiores e melhora da autoestima. Nada disso, em si, é ruim, na verdade é necessário, mas também não deixa de ser uma forma de nos afastar da luta espiritual que envolve a busca pelo reino de Deus e sua justiça. É bom lembrar que Jesus nos ensinou a orar dizendo: “Venha o teu reino”, e essa súplica nos coloca no centro de uma luta que envolve principados e potestades.

A parábola termina com uma pergunta: “Quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?”. Jesus aborda nessa parábola dois temas centrais da experiência cristã: a oração como luta espiritual e a fé que deve acompanhá-la, e ambos estão intimamente relacionados. A prática da oração é sempre um indicativo da fé, e o exercício da fé encontra na oração sua linguagem. Contudo, se esmorecemos na oração, a fé, igualmente, fica esvaziada de sentido.

A oração à qual Jesus se refere na introdução da parábola não é a oração que fazemos quase que protocolarmente quando agradecemos pelo dia, pela refeição, pelo trabalho ou quando oramos e pedimos a Deus proteção sobre nossas famílias, saúde, trabalho, viagem. Essas orações fazem parte das nossas rotinas espirituais, mas não é sobre isso que Jesus está falando nessa parábola. Da mesma forma, a fé que Jesus espera encontrar quando voltar não é a fé confessional, a crença nas doutrinas bíblicas, mas a fé que vive e experimenta os sinais do reino e do poder de Deus.

O grande reformador João Calvino, depois de escrever sobre temas fundamentais da doutrina cristã como a justificação pela fé, passa a discorrer sobre a oração, porque, para ele, a oração é uma prática espiritual que deve estar fundamentada nas grandes verdades bíblicas. Ele diz:

Já se demonstrou que o Senhor se manifesta de forma bondosa e espontânea em Cristo, em quem ele oferece toda a felicidade para nossa miséria, toda a abundância para nossa necessidade, abrindo os tesouros do céu para nós, para que possamos nos voltar com toda a fé para seu Filho amado, depender dele em plena expectativa, descansar nele e nos apegarmos a ele em plena esperança.³

Para Calvino, para usufruir dos tesouros do céu é necessário o exercício da fé e da oração. É necessário nos voltarmos para Cristo com fé viva e

buscarmos, com toda a expectativa, receber da abundância com que Cristo supre nossas necessidades. O reformador segue afirmando:

Da mesma forma, vemos que nada é colocado diante de nós como objeto de expectativa da parte do Senhor que não sejamos ordenados a lhe pedir em oração, e isso é tão verdadeiro que a oração desenterra os tesouros que o evangelho de nosso Senhor revela aos olhos da fé. Nenhuma palavra pode expressar com suficiência a necessidade e a utilidade do exercício da oração. Não é sem motivo que o Pai celestial declara que nossa única segurança reside em invocar seu nome, pois, ao assim fazer, pedimos a presença de sua providência para cuidar de nossos interesses, do seu poder para nos sustentar quando estamos fracos e quase desfalecendo, de sua bondade para nos receber com favor, ainda que estejamos miseravelmente carregados de pecado; em suma, invocá-lo para que se manifeste a nós em todas as suas perfeições.⁴

Calvino entende que somos ordenados, pelo Senhor, a lhe pedir em oração que ele nos abra os tesouros que o evangelho de Cristo nos revela. Para ele, sem a oração e a fé, esses tesouros permanecem enterrados e nós não usufruímos das riquezas de Cristo.

No entanto, sabemos que a oração e a fé sempre foram dimensões confusas na experiência cristã. Talvez, pela familiaridade que temos com ambas, não notamos quão distantes estamos daquilo que Jesus nos ensinou. É comum o sentimento de culpa associado a uma sensação de inadequação que acompanha a vida de oração da maioria dos cristãos. Por isso, sendo a oração um dever – não um mero deleite, muito menos uma opção –, é natural que nos sintamos endividados e, de certa forma, culpados pela ausência de sua prática, tanto pessoal como comunitária.

A oração, segundo o ensino de Jesus em Mateus 6, tem como prioridade “buscar o reino de Deus e sua justiça”. Mais importante do que nos preocuparmos com o que comer, beber ou vestir – as necessidades mais básicas do ser humano –, devemos “buscar em primeiro lugar seu reino e sua justiça”. Uma fé viva e verdadeira busca, sempre, a realização do reino de Deus “assim na terra como no céu”. Na primeira parábola, a primeira súplica da oração que Jesus ensinou aos seus discípulos é afirmada. O Deus a quem oramos e suplicamos ajuda em nossa necessidade é um Pai generoso que nunca irá dizer que não pode nos atender. Ele irá abrir a porta e nos dar aquilo de que necessitamos por causa da honra do seu nome. Na segunda parábola, a segunda e terceira súplicas da oração de Jesus são afirmadas. O desejo de quem conhece a Jesus é que o seu governo e sua justiça se realizem na terra como são realizados no céu. Essa parábola é sobre isso. O dever de orar sempre e nunca desistir diz respeito ao reino de Deus e sua justiça.

Em suas parábolas, Jesus escolhe os personagens cuidadosamente. Nessa temos dois: a viúva e um juiz injusto. A viúva no primeiro século na Palestina era a pessoa mais vulnerável da sociedade, ao lado do órfão. Não é como hoje, em que muitas viúvas têm uma boa renda e gozam de leis que as protegem, embora ainda seja uma situação, para muitas, de vulnerabilidade. No primeiro século a mulher vivia sob a tutela de um homem: se fosse solteira, do pai; se fosse casada, do marido. Na ausência dos dois, poderia ser protegida pelo irmão ou o filho mais velho, se os tivesse. Parece que a viúva da parábola não tinha nenhum dos dois, pois chega à corte sozinha. Porém, mesmo sozinha, ela se encontra diante do juiz, um juiz iníquo, que não teme a Deus, muito menos respeita as pessoas. O que essa viúva busca nesse juiz? Justiça. É o que se espera de um juiz. Ela não busca vingança ou tirar vantagem do seu adversário, mas justiça.

Do outro lado temos o juiz. Trata-se de um juiz corrupto e desumano. Jesus o descreve como alguém que “não teme a Deus, nem respeita homem

algum”. O próprio juiz, em seu solilóquio, afirma a mesma coisa: “Eu não temo a Deus, nem respeito homem algum”. O temor a Deus era uma condição para um juiz em Israel. Quando o rei Josafá nomeou juízes em Israel, ele deu a seguinte recomendação: “Vede o que fazeis, porque não julgais da parte do homem, e sim da parte do Senhor, e, no julgardes, ele está convosco. Agora, pois, seja o temor do Senhor convosco; tomai cuidado e fazei-o, porque não há no Senhor, nosso Deus, injustiça, nem parcialidade, nem aceita ele suborno” (2Cr 19.6-7). Espera-se que o juiz atue no lugar de Deus trazendo justiça para todos, particularmente para os mais vulneráveis. Porém, esse juiz não teme a Deus, nem respeita ninguém, muito menos os mais fracos. Ele não se preocupa com o que a sociedade vai falar dele, não se envergonha de agir com parcialidade. Na parábola anterior, o amigo atende e supre a necessidade do amigo que o procura à meia-noite para evitar a vergonha e a desonra, mas esse juiz não está preocupado com sua reputação.

Finalmente, ele atende ao pedido da viúva, não porque passou a temer a Deus ou respeitar as pessoas, mas por causa da coragem e perseverança da viúva. Ele diz para si mesmo: “Como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me”. Diante da insistência dela, ele resolve julgar a sua causa com receio de vir a ser molestado por ela. A palavra “molestar”, se fosse traduzida ao pé da letra, seria: “me deixar com olho roxo”. Ele temia que a viúva, em algum momento, pudesse perder a paciência e agredi-lo, e isso, sim, faria com que ele sofresse uma grande vergonha pública. É claro que a viúva não era violenta, mas a insistência dela e o medo dele fizeram com que ele finalmente julgasse a causa dela.

O que Jesus está nos ensinando nessa parábola? A última parte do capítulo 17 de Lucas é sobre a vinda do reino de Deus, e a pergunta dos discípulos é sobre quando e como. O problema que eles levantam é que a vinda do reino parece demorar e a justiça fica cada vez mais distante. A

demora sempre foi um obstáculo ao exercício da oração e da fé. Quando e como virá o reino de Deus e quando e como sua justiça será, enfim, manifestada? Se oramos como Jesus nos ensinou: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”, aguardamos com grande expectativa a resposta à essa súplica. No entanto, a demora nos leva a desanimar e deixamos de orar, pelo menos de clamar pelo reino de Deus e sua justiça.

Agora, veja o que Jesus diz aos seus discípulos: “Considerai no que diz este juiz iníquo”. E o que ele disse? “Julgarei a causa desta viúva [...]”. A resposta é sim! Deus irá trazer justiça. Se o juiz injusto, que não teme a Deus, nem respeita ninguém, fez o que era certo, quanto mais Deus. Portanto, não esmoreçam, nem desanimem, ele irá manifestar a justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite. Ele irá cumprir o que prometeu.

O dever de orar sempre e nunca desistir é por causa da aparente demora da manifestação da justiça de Deus. Esta é a maior luta que a oração e a fé enfrentam: a demora. Diante da demora, esmorecemos. Pior, a oração se transforma numa experiência privada, em que apresentamos a Deus nossas necessidades egoístas, demandas infantis, trivialidades, sem nenhuma consciência para aquilo que Deus está fazendo na história. Não ansiamos pela justiça, não buscamos o reino de Deus, não desejamos ver a vontade de Deus sendo feita aqui na terra, em nossa família, igreja e cidade como ela é feita no céu. Não prevalecemos em oração e damos a luta como perdida.

Porém, Jesus afirma que Deus fará justiça aos escolhidos, e fará depressa, mesmo que pareça demorado, mas ele não demora; a justiça virá mais cedo do que imaginamos. Se, no final do capítulo 17, Jesus fala sobre a vinda do reino de Deus e os discípulos perguntam quando e como o reino virá, em seguida no Evangelho de Lucas (19.28 em diante), Jesus chega a Jerusalém, onde enfrentará a sua paixão. O reino de Deus e sua justiça muito em breve

serão revelados. A cruz e a ressurreição revelam o triunfo de Jesus sobre os poderes deste mundo. Em sua ascensão, Jesus assume seu lugar no trono de onde governa o universo e intercede por nós. O reino de Deus e sua justiça foram revelados em Jesus Cristo. O clamor do povo de Deus, que por tanto tempo suplicou: “Venha o teu reino”, foi ouvido. Parece que demorou, mas não. Este é o testemunho de uma outra viúva: “Havia uma profetisa, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, avançada em dias, que vivera com seu marido sete anos desde que se casara e que era viúva de oitenta e quatro anos. Esta não deixava o templo, mas adorava noite e dia em jejuns e orações. E, chegando naquela hora, dava graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lc 2.36-38). Ana adorava dia e noite com jejuns e orações esperando o cumprimento da promessa de Deus; quando viu o menino Jesus, sua alma se encheu de gratidão porque pôde ver a esperada redenção do povo de Deus.

O reino de Deus já veio em Jesus, mas ainda aguardamos a sua consumação, que acontecerá quando ele voltar. Vivemos entre o reino já revelado e o reino que ainda será consumado, e isso nos leva a seguir orando sempre, sem esmorecer. Oramos pela antecipação daquilo que um dia será plenamente realizado. Não somos nós que trazemos o reino de Deus; somente Jesus pode trazer e revelar o reino. Não somos nós que realizamos a vontade de Deus; somente Jesus pode realizar plenamente a vontade de Deus. Oramos para que o reino de Deus, já revelado em Jesus, se torne conhecido de todos e que todos venham a se submeter ao governo justo no novo Rei. Oramos para que o povo de Deus se submeta à sua vontade, e que os seus propósitos se realizem na terra como são realizados no céu.

A suspeita de Jesus no final da parábola permanece atual: “Quando Jesus vier, encontrará fé na terra?”. Encontrará uma fé viva que permanece diante de Deus clamando, dia e noite, pelo reino? Encontrará uma fé perseverante como a dessa viúva? Encontrará um povo clamando: “Venha o teu reino,

seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”? Essa viúva buscava insistentemente que a justiça fosse feita, e conseguiu, mesmo apelando para um juiz iníquo. Quanto mais Deus fará justiça aos seus eleitos, que a ele clamam dia e noite. O reino de Deus já veio em Jesus Cristo e se manifestou na cruz, onde os poderes deste mundo foram vencidos. No entanto, o reino de Deus, embora já presente entre nós, ainda não foi plenamente consumado. A tarefa da Igreja de Cristo é proclamar o evangelho do reino a toda criatura, manifestando os sinais da presença do reino e do governo de Jesus Cristo no mundo. Por essa razão seguimos clamando: “Venha o teu reino”, e devemos fazer isso com clamor, dia e noite, enquanto a injustiça, maldade, violência, corrupção e toda forma de rejeição ao governo justo e santo de nosso Senhor existirem. Porém, quando Jesus voltar, encontrará sua Igreja clamando assim?

Na primeira parábola sobre oração (Lc 11.5-8), Jesus mostra que a primeira petição da oração que ele ensinou aos discípulos é o que define a resposta do suplicante. Deus é santo e honra seu nome. Ele não passa vergonha. Ele abre a porta por causa dele mesmo, da santidade do seu nome. Nesta segunda parábola, vemos que as duas súplicas seguintes da oração do Pai-Nosso entram em cena: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. Essa é a súplica da viúva. Ela ora por justiça. Para que a vontade de Deus seja feita aqui como é feita no céu. Oramos para que Deus faça aquilo que só Deus pode fazer.

A professora Ellen Davis, num sermão que pregou em Honolulu, Havaí, em 1991, sobre a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.21-24, 35-43), lembra que, quando Jesus e Jairo recebem a notícia de que a menina de 12 anos havia morrido, os amigos, sabendo que a tragédia era irreversível porque diante da morte não há nada que possa ser feito, pedem que não incomodem o Mestre. Jesus, no entanto, ignora os pedidos e segue em direção à casa de Jairo e diz ao pai da menina: “Não temas, crê somente [...] a criança não está morta, mas dorme”. Muitos riram dele. Nessas circunstâncias, ter fé e

crer é inimaginável e ofensivo ao bom senso, como afirma a professora Ellen:

O caminho de Deus conosco é ofensivo, ofende nosso senso comum, viola nossa noção de como as coisas devem ser, precisamente porque o que Deus faz – o que Deus é capaz de fazer – no mundo depende totalmente dessa coisa misteriosa chamada fé. O milagre de Deus depende da nossa fé – é disso que trata esta história [...] A afirmação chocante do evangelho não é que Deus possa fazer coisas extraordinárias, mas que nossa fé é a condição necessária para Deus fazê-las.⁵

A afirmação de Davis é muito forte. Eu tenho dificuldade de concordar com tudo o que ela afirma, em especial com a palavra “totalmente”, que ela usa. Não creio que o que Deus faz no mundo depende totalmente da nossa fé, mas concordo com ela sobre o lugar da fé nas manifestações dos sinais do reino de Deus no mundo. Ela lembra, nesse sermão, que em Nazaré, cidade natal de Jesus, ele “não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos” (Mc 6.5). Por quê? Porque ele “admirou-se da incredulidade deles” (Mc 6.6). Nazaré foi privada de ver os sinais do reino de Deus por causa de sua incredulidade. Será que o mesmo não acontece conosco hoje? Será que nossas cidades não estão sendo privadas da graça de Deus e dos sinais do seu reino por causa da oração apática e da falta de fé do povo de Deus? A palavra de Jesus para Jairo é fundamental: “Não temas, crê somente”. Oramos como quem crê que Deus irá trazer o seu reino de justiça? Oramos com a mesma paixão e fé dessa viúva?

Se grande parte daquilo que Deus faz e irá fazer no mundo está relacionada com a fé do seu povo, qual tem sido nossa participação na obra de Deus? Se oramos: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na

terra como no céu”, qual o nosso lugar na maneira como Deus realiza seu reino entre nós? Se por um lado é ofensivo, por outro é também um grande mistério, como a professora Ellen reconhece. Não se trata de fazer com que a terra determine as ações do céu. Sabemos que o sofrimento é parte da nossa humanidade e também da nossa vocação. Sabemos que muitos sofrem e que nem toda oração será respondida da maneira como gostaríamos. Isso é um mistério. No entanto, a fé é um elemento fundamental para a manifestação do reino de Deus, e somente Deus pode realizar sua vontade aqui na terra como ela é feita no céu.

Não se trata apenas dos sinais e prodígios de Deus, mas da forma como respondemos ao reino de Deus já revelado e buscamos realizar a vontade de Deus aqui como ela é feita no céu. Diz respeito à forma como lidamos com nossos relacionamentos no casamento e no trabalho. Envolve a forma como vemos e reagimos ao cenário político, econômico e social; a forma como exercemos o ministério de intercessão pela libertação dos cativos, pela cura dos enfermos e pela conversão dos incrédulos. Também envolve, claro, as situações improváveis e inimagináveis que só Deus, com seu poder, pode realizar. Precisamos preservar a dimensão transcendente da fé numa cultura tecnológica e científica.

O autor de Hebreus define fé como “a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hb 11.1). A fé viva e verdadeira nos leva a clamar pelas coisas que esperamos e por aquelas que ainda não vemos. A fé nos ajuda a orar sempre preservando a expectativa daquilo que Deus irá fazer. É a expectativa que nos ajuda a não esmorecer. Muitas coisas demorarão a mudar e é possível que minha geração não veja as mudanças que tanto anseio. Pode ser que a Igreja de Cristo tenha de passar por longos períodos de provação antes de experimentar o avivamento que desejamos. É possível que os conflitos familiares se estendam por muitos anos antes de experimentarem uma profunda transformação. Como Jesus

disse, a oração é um dever, uma luta sem tréguas, um clamor contínuo por justiça, até que ela se manifeste como o sol da manhã.

Os discípulos de Jesus do primeiro século viveram essa expectativa. Uma das grandes diferenças entre os cristãos do século 21 e os do primeiro século é que eles criam que estavam vivendo o princípio do fim. Para o doutor Gordon Fee, a “salvação é ’esca-tológica no sentido de que a salvação final, a qual ainda espera o crente, já é uma realidade por meio de Cristo e do Espírito”.⁶ O reino de Deus é escatológico e vivemos no presente a realidade que um dia será consumada. A proclamação da obra redentora de Cristo era prioritária na vida e missão da Igreja do primeiro século. É possível ouvir os primeiros cristãos clamando: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade”.

Ao pensar na viúva da parábola, reconheço que o que Jesus está nos ensinando é que uma fé real e viva se expressa na oração contínua e apaixonada pelo reino de Deus. Como vimos na primeira parábola, se buscamos, batemos e pedimos, Deus atende e nos dá tudo o de que necessitamos, e mais, ele nos dá ele mesmo – o Espírito Santo. Se orarmos e não esmorecermos clamando por justiça, pela vontade de Deus sendo feita aqui na terra como ela é feita no céu, o Deus da aliança fará justiça aos seus eleitos.

Quanto mais medito nessas parábolas, reconheço que a qualidade das minhas orações e da minha fé estão muito distantes e aquém da qualidade que Jesus espera de mim. Se Jesus voltasse hoje, eu me acharia entre aqueles em quem ele não encontraria fé, pelo menos não a fé que participa da ação de Deus em revelar seu reino de justiça ao mundo. Minha oração hoje é que Deus me preserve orando todos os dias: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade”. Que eu ore crendo nas coisas que se esperam, com a convicção viva dos fatos que ainda não vejo. Que eu viva como Ana, a profetisa de 84 anos, também viúva, e que orava dia e noite no templo,

jejuando e adorando a Deus. Por causa de sua fé e de sua oração contínua pelo reino de Deus, ela estava no templo quando José e Maria levaram seu filho, Jesus, para o ritual da circuncisão e, como Simeão, reconheceu que a promessa de Deus havia se cumprido. Muitos haviam perdido a esperança e já não oravam mais; parecia que Deus havia se esquecido deles, mas Deus não se esquecera. No tempo determinado, ele cumpriu o que prometera, porque ele sempre cumpre o que promete. Porém, quando vier o Filho do homem, porventura encontrará fé na terra?

-
1. HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. p. 23.↵
 2. Ibid. p. 83.↵
 3. CALVINO, João. *Oração: o exercício contínuo da fé*. São Paulo: Editora Vida, 2016. p. 7.↵
 4. Ibid. p. 9.↵
 5. DAVIS, Ellen F. *Preaching the Luminous Word: Biblical sermons and homiletical essays*. E-book. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company. p. 261.↵
 6. FEE, Gordon D. *Paulo, o Espírito e o povo de Deus*. São Paulo: United Press, 1997. p. 7.↵

CAPÍTULO 3

Terceira parábola: O fariseu e o publicano

Propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado.

– Lucas 18.9-14

ESTA É A TERCEIRA PARÁBOLA no Evangelho de Lucas sobre oração. Como já dissemos, encontramos as três parábolas somente no Evangelho de Lucas. A primeira foi ensinada após o pedido dos discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar” e aparece com o título “A parábola do amigo importuno”, sugerindo que o foco da parábola é sobre o amigo inconveniente que bate de maneira insistente na porta de um amigo à meia-noite pedindo pão para ter o que oferecer a um hóspede. Na verdade, como

vimos, a parábola não é sobre o amigo que pede pão para alimentar um convidado que acabou de chegar. A parábola não é sobre nós, que oramos, nem sobre a necessidade de ser insistente na oração. A parábola é sobre o Deus a quem oramos. É sobre o amigo a quem o pão é solicitado. É sobre a honra do nome de Deus, que não permitirá que seu nome seja envergonhado. Ele não irá ouvir os boatos na cidade de que alguém bateu em sua porta pedindo ajuda e ele negou. A parábola é sobre a generosidade do amigo que sempre irá abrir a porta e dar aquilo que lhe é solicitado. Talvez, um título melhor para essa parábola deveria ser “A parábola do Pai que honra seu nome” ou “A parábola do amigo generoso”.

A segunda parábola é sobre uma viúva e um juiz iníquo. É uma parábola, como Jesus declara na introdução, sobre o dever de orar sempre e jamais desistir. Todos os cristãos oram. Oramos agradecendo as bênçãos que Deus nos dá, oramos pedindo proteção para as coisas que fazemos. Porém, a pergunta é se oramos com o mesmo desejo e a mesma fé dessa viúva. O que ela busca, diariamente, com esse juiz injusto é que ele faça justiça, porque é isso o que se espera de um juiz. O dever de orar sempre e não esmorecer não é por aquilo que naturalmente todos nós oramos todos os dias, mas pelo clamor que fazemos, dia e noite, pelo reino de Deus e sua justiça, como Jesus nos orienta no Sermão do Monte. É por isso que Jesus termina a parábola com a pergunta: “Quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?”. E a resposta mais provável é que não. Quantos de nós oramos pelo reino de Deus, clamando dia e noite para que ele se manifeste trazendo justiça? Quantos de nós oramos com a mesma paixão e perseverança da viúva? É uma súplica que requer perseverança e fé porque pode parecer que a justiça que desejamos e buscamos pareça demorada, mas, como Jesus afirma, embora pareça demorada, ela vem, e não demora. Porém, se um juiz injusto, que não teme a Deus nem tem respeito para com o ser humano, atendeu à causa da viúva, quanto mais o Deus santo e justo. A fé verdadeira permanecerá diante de Deus porque sabe que Deus é fiel

para finalmente fazer justiça aos seus eleitos. A ênfase dessa parábola é sobre oração e fé, sobre aquilo pelo qual devemos orar sempre e que só Deus pode realizar.

Por fim, na série das três parábolas de Lucas, temos a parábola do fariseu e do publicano (ou cobrador de impostos), em que Jesus começa dizendo: “Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar”. Essas parábolas falam sobre a oração, mas não no sentido de apresentar algum conceito, regras ou fórmulas sobre oração. Por meio delas, Jesus apresenta verdades que nos orientam na prática da oração. Por exemplo: na parábola do amigo que pede pão à meia-noite, ele nos ajuda a entender o caráter do Deus a quem oramos e nos ajuda a compreender a razão pela qual Deus, o Pai, é solícito em ouvir nossas necessidades e pronto a satisfazê-las; porque ele honra o seu nome santo. Na parábola da viúva e do juiz iníquo, Jesus nos ajuda a entender que a insistência da viúva perante o juiz corrupto é por justiça; e afirma que Deus fará justiça aos seus eleitos mesmo que possa parecer demorado, mas fará. É uma promessa. Precisamos de uma fé viva que nos preserve diante de Deus dia e noite clamando pelo reino.

A terceira parábola nos ajuda a compreender o lugar da graça de Deus na prática da oração. Como nas duas parábolas anteriores, Jesus escolhe e pinta os personagens de forma a nos ajudar a entender o que ele pretende comunicar. “Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano.” Temos aqui uma parábola sobre como os seres humanos, pecadores, podem entrar e participar de um relacionamento real e vivo com um Deus santo.

A oração é sempre um evento público – ousado dizer que é um evento cósmico; mesmo quando entramos no quarto e fechamos a porta, ela continua sendo o maior evento público que um ser humano pode praticar. No entanto, nós cristãos modernos gostamos da palavra “intimidade” para definir o tipo de relacionamento que buscamos com Deus. O problema é

que, para muitos, intimidade e privacidade são sinônimas, e a oração rapidamente se transforma num evento intimista, sem nenhuma implicação para além de um vago sentimento de bem-estar pessoal.

Na parábola da viúva e do juiz, Jesus nos fala do “dever” de orar sempre e nunca desistir. A razão para essa exortação é que a oração é um relacionamento pessoal e íntimo com Deus, mas é também uma luta que é travada dia e noite, com clamor e jejuns, pelo reino de Deus e sua justiça. A imagem da oração na visão de João no Apocalipse não é nada intimista. O clamor dos cristãos perseguidos descrito na abertura do quinto selo (Ap 6.9-11) é respondido na abertura do sétimo selo (Ap 8.1-5). Na visão de João, acontece um silêncio no céu de cerca de meia hora. As orações dos santos na terra provocam um silêncio reverente no céu. Um anjo toma um incensário de ouro, cheio de incenso, para oferecer a Deus junto com as orações do povo de Deus no altar onde está o trono de Deus. Ele enche o incensário com o fogo do altar e o atira de volta sobre a terra e ouvem-se trovões, vozes, relâmpagos e terremotos. Depois disso, os anjos se preparam para tocar as trombetas anunciando o juízo de Deus. É isso que acontece todos os dias quando o povo de Deus ora: a terra é sacudida com trovões, vozes, relâmpagos e terremotos. Podemos não perceber essas manifestações com clareza, mas, sempre que ouvimos ou vemos as tensões, conflitos e caos, são os trovões, vozes, relâmpagos e terremotos acontecendo como resposta às orações dos santos. A visão não é nada intimista, é cósmica, envolve muito mais do que um sentimento vago e subjetivo de paz interior.

Nenhuma oração é trivial. Toda oração é um evento público e cósmico. Jesus escolhe bem os personagens, mas também escolhe bem o ambiente. Dois homens sobem ao templo com o propósito de orar. Dos dois homens, um é fariseu, dedicado religioso, e o outro, um publicano, cobrador de impostos; o primeiro conhece a lei e é considerado justo pela sociedade, o outro trabalha para o Império Romano, cobrando impostos, e é considerado

corrupto e traidor pela sociedade. Os dois estão se juntando a muitos outros homens e mulheres em um dos cultos públicos realizados ao longo do dia no enorme templo em Jerusalém. O fariseu e o coletor de impostos se juntam a centenas de outros adoradores em um espaço público para participar de um culto público.

A prática judaica de orar no templo envolvia um momento em que todos ficavam de pé e oravam em voz alta. Se estivéssemos no templo naquele dia e próximos aos dois homens, teríamos ouvido suas orações. Eles estavam orando em voz alta: “Deus, eu te agradeço por não ser como as outras pessoas” era a oração do fariseu; e “Ó Deus, sê propício para comigo, um pecador” era a oração do publicano. Duas orações muito diferentes, ambas pronunciadas em voz alta num lugar público. Jesus não escolhe bem apenas os personagens e o ambiente, mas também aquilo que cada um falou. Ambos descrevem atitudes bastante comuns na prática da oração.

Lucas nos ajuda a entender o contexto dessa parábola no início de seu Evangelho. Ele relata a história de um sacerdote chamado Zacarias, que seria o pai de João Batista, a quem descreve como “justo aos olhos de Deus” (Lc 1.6). Zacarias era um sacerdote que tinha responsabilidades litúrgicas no templo: “Ora, aconteceu que, exercendo ele diante de Deus o sacerdócio na ordem do seu turno, coube-lhe por sorte, segundo o costume sacerdotal, entrar no santuário do Senhor para queimar o incenso; e, durante esse tempo, toda a multidão do povo permanecia da parte de fora, orando” (Lc 1.8-10). Ele entra no santuário do Senhor no seu turno para queimar incenso, e o povo permanece do lado de fora orando. Esse é o cenário da parábola.

O templo era constituído por vários cômodos. No coração do templo havia o Santo dos Santos e somente o sumo sacerdote podia entrar naquele espaço, uma vez por ano, no grande Dia da Expição, e somente após um elaborado ritual de purificação. Do lado de fora do Santo dos Santos estava

o Santo Lugar. Era ali que os sacerdotes, como Zacarias, ofereciam incenso, símbolo das orações do povo de Israel, e do lado de fora do Santo Lugar estava o grande altar sobre o qual o cordeiro era colocado após ser sacrificado pelos pecados do povo. O Santo Lugar e o Santo dos Santos eram o lugar onde Deus, em sua misericórdia e graça, vinha ao encontro do seu povo, e o sacrifício do cordeiro tornava possível esse encontro. A liturgia começava com a preparação para o sacrifício do cordeiro, cujo sangue era aspergido no altar. As orações eram então oferecidas, tanto pelos sacerdotes quanto pelo povo. Em algum momento, as trombetas tocariam e os sacerdotes começariam a se mover em direção ao Santo Lugar; um coro de sacerdotes começaria a cantar o salmo do dia. Nesse momento, o sacerdote oficiante entrava no Santo Lugar para oferecer incenso, e as pessoas do lado de fora começavam a orar em voz alta. As pessoas oravam em uníssono as orações litúrgicas, e cada um, no momento apropriado, orava sua própria oração.

Enquanto o culto está em andamento, Jesus diz que o fariseu “ficou de pé e orava de si para si mesmo”. A maneira como Jesus pinta o fariseu chega a ser um tanto exagerada porque nenhum de nós jamais se identificaria com ele, mas na verdade é um retrato muito real do que acontece com cada um de nós na prática da oração. Sua oração é um ato de autojustificação. É sobre o que ele é e faz. É uma oração de gratidão pela sua superioridade ética e moral – “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens”. Ele se considera melhor do que as outras pessoas porque não rouba, não é injusto nem adúltero. Todos nós concordamos que isso é bom, é um bom motivo para ser grato a Deus. Todos nós, em certa medida, somos como esse fariseu. Evitamos afirmar que somos melhores que outras pessoas porque pega mal, mas no fundo é isso que pensamos. Não somos como os corruptos que desviam verbas públicas da educação e saúde para o enriquecimento pessoal às custas da miséria de muitos. Não somos como os traficantes que promovem o vício e a violência. Também não somos como

muitos homens e mulheres promíscuos, que traem seus cônjuges e destroem suas famílias por uma aventura sexual. Enfim, damos graças a Deus porque não somos como os outros que fazem essas coisas e muito mais. Sabemos que somos pecadores, mas definitivamente somos melhores que muitas pessoas. No fundo, sendo bem honesto, é isso que pensamos.

Não é só o que não fazemos, mas também o que fazemos e que nos torna ainda melhores do que os outros. Trabalhamos duro para ter como sustentar a família e ajudar os necessitados. Somos responsáveis e comprometidos com a igreja e sua missão, damos o dízimo de tudo o que ganhamos, contribuímos com o sustento de missionários e ajudamos nos projetos sociais da igreja. Somos fiéis no relacionamento conjugal e participamos das responsabilidades da casa e da formação dos filhos. Somos gratos a Deus porque não somos como as outras pessoas.

A lei no Antigo Testamento prescrevia apenas um jejum por ano, no Dia da Expição. Mas ele jejuava mais de cem vezes no ano. A lei exigia apenas o dízimo de certas bênçãos, mas ele dava o dízimo de tudo. O retrato do fariseu pintado por Jesus nesta parábola revela esse sentimento reprimido que habita em todos nós. Isso nos faz sentirmo-nos melhores do que o outro. Mesmo quando cometemos os nossos erros, sempre há alguém que cometeu erros maiores e mais graves. Não seria falso nos considerar melhores do que os outros, porque é verdade. Sempre haverá alguém pior do que eu (usando meus critérios para julgar, claro), o que me faz sentir-me melhor do que os outros; e mais, esse sentimento cria uma consciência de autojustificação. Essa era a preocupação de Jesus quando ele nos alerta para o risco de julgarmos os outros; ele afirma que o critério que usamos para julgar será usado para sermos julgados (Mt 7.1-2).

O fariseu está participando de um culto em que um cordeiro é sacrificado pelos pecados do povo, abrindo caminho para que as pessoas se aproximem do Deus santo e tenham comunhão com ele. E podemos ouvi-lo, de pé,

orando em voz alta, declarando como ele é bom. Em outras palavras, ele está dizendo que não precisa de sacrifício porque ele não é como as outras pessoas. Os outros certamente precisam, mas ele não é um pecador como os outros.

O outro personagem da parábola é um publicano. Os publicanos eram os responsáveis pelo recolhimento de tributos nas províncias do Império Romano. Eram escolhidos entre seus conterrâneos para cobrar impostos do seu próprio povo, o que fazia deles uma classe odiada por trabalharem a serviço do invasor. Em várias passagens do Novo Testamento vemos quanto os publicanos eram detestados pelos judeus porque em diversas ocasiões eles se envolviam em atos ilícitos cobrando das pessoas mais do deveriam, e todos sabiam que o excedente ficava com eles. Por isso eram odiados pelos fariseus.

Esse publicano, assim como o fariseu, sabe quem ele é e o que tem feito. Ele se considera um impuro para os padrões religiosos do seu tempo. Não só é rejeitado pelos judeus, mas também não se acha digno de participar daquele culto. Jesus diz que ele ficava “longe” e “não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador” e o dizia em voz alta. Em várias passagens dos Evangelhos, as pessoas aproximavam-se de Jesus clamando: “Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim”, mas o publicano usa a palavra “propício”, não misericórdia ou piedade, que tem um significado muito específico. A palavra “propiciação” é muito presente na Bíblia:

No dia seguinte, disse Moisés ao povo: Vós cometestes grande pecado; agora, porém, subirei ao Senhor e, porventura, farei propiciação pelo vosso pecado.

– Êxodo 32.30

[...] a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos.

– Romanos 3.25

Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo.

– Hebreus 2.17

[...] e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.

– 1 João 2.2

Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

– 1 João 4.10

“Propiciação” significa basicamente “pacificar”, aplacar a ira de alguém, ser favorável para com o infrator. Não é uma palavra comum para nós, mas, na prática, ela está bem presente nas relações humanas. Por exemplo: diante de alguma falta grave que alguém comete contra uma pessoa amada, há sempre um desejo de reparação. Uma certa disposição para fazer alguma coisa a fim de reparar o erro. Se um amigo ofende o outro, é uma prática comum para aquele que ofendeu comprar um presente ou fazer alguma coisa como forma de reparar a ofensa. Esse é o sentido da palavra “propiciação”.

O Deus cristão é justo e santo, e sua ira é contra o mal e o pecado porque ofendem sua santidade e justiça. Por isso o pecado precisa ser removido e a justiça de Deus, revelada. Deus nos ama e, por causa do seu amor, ele nos envia seu Filho como “propiciação pelos nossos pecados” (1Jo 4.10). Jesus sofre e morre pelos nossos pecados, e dessa forma ele propicia (pacifica a ira de Deus), tornando-nos favoráveis a Deus e assim realiza a reconciliação. Tudo diz respeito a Deus: somos salvos por Deus, da ira de Deus, para a glória de Deus.

O publicano ouve as trombetas anunciando que o cordeiro foi abatido e, diferentemente do fariseu que se orgulha de ser melhor que os outros homens, ele bate no peito e diz: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador”. É como se ele gritasse dizendo: “Ó Deus, que este sacrifício seja por mim, que tu removas a tua ira do meu pecado, e me permitas ser reconciliado contigo”. Jesus afirma no final da parábola que o publicano, e não o fariseu, retornou para sua casa justificado. Dois homens subiram os degraus do templo para orar. Um orou dizendo: “Deus, eu te agradeço por não ser como as outras pessoas”. O outro, de forma completamente distinta, orou: “Deus, que o cordeiro sacrificado seja por mim, um pecador”. Ambos desceram os degraus, mas apenas um foi para casa justificado.

Vários anos atrás, quando meus filhos eram jovens, um dia, conversando com eles sobre algum tema que envolvia a fé, perguntei: “Vocês precisam de um Salvador para salvá-los do quê? Notei que a pergunta foi um tanto inesperada, deixando-os sem reação, e procurei reformulá-la:” Vocês são dois jovens saudáveis, tiveram uma boa educação, são garotos responsáveis com os estudos, envolvidos com a igreja e suas atividades e, se tudo correr bem, terão um bom futuro pela frente. Farão universidade, encontrarão uma profissão, terão esposa, filhos, uma família. Diante disso, vocês precisam de um Salvador para salvá-los do quê? Eles sabiam que eu não iria facilitar a resposta, pois dizer que precisavam de um Salvador era pelo fato de que eram pecadores. Sabiam que eu perguntaria: “Em que sentido vocês se

consideram pecadores? Vocês não fazem nada errado, nada que exigisse a morte do Filho de Deus. Jesus precisaria vir e morrer numa cruz para resolver as brigas que vocês têm um com o outro, um dever da escola que não foi feito ou alguma desobediência? A resposta deles foi: "Lá vem você com essas perguntas teológicas complicadas". De certa forma, as perguntas eram teológicas, mas me pareciam bastante práticas e necessárias. Porém, o fato é que somos mais parecidos com o fariseu do que com o publicano. Muitos cristãos, se forem honestos consigo, encontrarão dificuldade para responder à mesma pergunta. O motivo é simples: somos bons, melhores que os outros e não precisamos de um sacrifício para nos justificar diante de Deus.

Mais recentemente, falei num encontro de pastores de uma denominação de origem japonesa sobre o sentido do pecado numa cultura pós-moderna, individualista, narcisista e consumista. No intervalo do café, um jovem pastor nissei que estava trabalhando como missionário no Japão disse que uma dificuldade que enfrentava na cultura japonesa era ajudá-los a entender o sentido bíblico do pecado, porque o princípio da honra e do dever é muito forte nessa cultura. Ele disse que as crianças, quando terminam o turno delas na escola, limpam a sala de aula e as áreas comuns para que os alunos do próximo turno encontrem a escola tão limpa como eles encontraram. O bombeiro do posto de gasolina onde ele abastece o carro, todas as vezes que termina de abastecer, faz o gesto de reverência até o carro virar a esquina. Um dia ele perguntou ao bombeiro a razão da reverência, e este disse que fazia aquilo em virtude da confiança do meu amigo em abastecer o carro naquele posto. Sabemos que existem problemas morais e éticos na cultura japonesa, como em qualquer outra cultura, mas o princípio da ética e da moralidade é uma questão de honra para eles. Em outras palavras, eles não são como os outros que roubam e praticam a injustiça, daí a dificuldade de falar sobre o pecado e a necessidade de um sacrifício.

A primeira bem-aventurança é para os “humildes [pobres] de espírito, porque deles é o reino dos céus”. A pobreza de espírito é a condição primária para nossa participação no reino de Deus. Entramos nele quando reconhecemos nossa mais absoluta dependência de Deus. A “pobreza”, ou “humildade”, de espírito não se refere à nossa incapacidade de enfrentar determinados desafios ou demandas que a vida nos impõe e à necessidade de Deus para nos dar uma “força”. Também não se refere a uma falsa humildade quando afirmamos, sem convicção alguma, que somos as piores pessoas e as mais indignas. A bem-aventurança diz respeito à impossibilidade de nos aproximarmos de Deus, de ter um relacionamento com ele, a despeito de nossa boa formação ética e moral, de nossa responsabilidade religiosa e social; é um princípio básico para ser aceito por Deus e participar da comunhão com ele. Todos nós, não importa se somos os piores corruptos ou as pessoas mais dignas da sociedade, necessitamos da graça de Deus para entrar em sua presença e cultivar o relacionamento com ele e a prática da oração. A graça é um dom de Cristo, alcançado pela fé, por meio do sacrifício do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

John Stott, em seu livro *Contracultura Cristã*, comentando a primeira bem-aventurança, diz que o “nosso lugar é ao lado do publicano [...] clamando com os olhos baixos: ‘Deus, tem misericórdia de mim, pecador!’”. Como Calvino escreveu: ‘Só aquele que, em si mesmo, foi reduzido a nada, e repousa na misericórdia de Deus, é pobre de espírito’.¹ A condição para entrar e participar do reino de Deus é o reconhecimento de nossa pobreza e a total dependência da misericórdia de Deus. O doutor Martyn Lloyd-Jones disse: “Não poderemos ser cheios enquanto não formos primeiramente esvaziados. Não se pode encher de vinho novo um odre cujo conteúdo ainda não tenha sido despejado”.² A pergunta que precisamos nos fazer é esta: quando foi a última vez que batemos no peito e dissemos a Deus: “Sê propício a mim, pecador”?

Dois homens entram no templo para orar. O fariseu está seguro de sua própria justiça. Ele não é como os outros homens, roubadores, injustos e adúlteros. Ele é melhor do que eles, certamente melhor do que o publicano, porque não só não faz aquilo que é errado, como também se dedica àquilo que é certo e se empenha em fazer muito mais do que se espera dele. Todos nós temos algo do fariseu, talvez muito mais do que imaginamos. A autojustificação é uma necessidade humana, e a forma de fazer isso é nos compararmos com aqueles que consideramos “piores” do que nós.

O outro homem é um publicano completamente consciente de sua condição de pecador. Ele sabe que é pior do que os outros homens, ele sente isso na pele todos os dias, vê isso no olhar de todos os judeus com quem ele cruza na rua. A própria sociedade não o deixa esquecer quem ele é. Ele não se sente à vontade para levantar os olhos ao céu, uma atitude comum na prática da oração, mas bate no peito reconhecendo sua condição de pecador e permanece longe, separado dos outros, porque não se considera digno de estar no meio deles.

Jesus então afirma que o publicano, cobrador de impostos, voltou para casa justificado porque em sua humildade experimentou a graça de Deus. O sacrifício do cordeiro era para ele. Já o fariseu retorna para casa da mesma maneira como entrou no templo, seguro de sua própria justiça, orgulhoso de sua moral elevada; não precisava do sacrifício do cordeiro. O orgulho do fariseu não significou nada para Deus. A humildade do publicano fez dele um cidadão do céu.

1. STOTT, John. *Contracultura cristã*. E-book. p. 1.6↩

2. LLOYD-JONES, D. M. *Estudos no Sermão do Monte*. E-book. p. 37.↩

CAPÍTULO 4

As tensões na oração

COMO EU DISSE NO INÍCIO DO LIVRO, após a morte do meu filho deixei de lado, por um tempo, essas meditações e meu interesse em publicá-las. Depois de orar por sua cura durante quatorze meses e ver que nada daquilo pelo qual clamei teve resposta, percebi que algumas peças estavam fora de lugar. Nem tudo está claro para mim hoje, mas me arrisco, com muito temor, a dar alguns passos, pensando naqueles que, como eu e minha família, experimentam o abandono e o silêncio de Deus. Uma criança de 7 anos de minha igreja escreveu uma cartinha no final do ano de 2020, na qual dizia o seguinte: “Este ano foi chato. A Covid-19 matou muitas pessoas. O tio Thiago morreu e eu fiquei orando toda hora e não adiantou. Eu estou orando para que a família do tio Thiago fique bem”. Orei e não adiantou. Esse foi o sentimento de uma criança e é o meu sentimento. O que fazer quando oramos e nada acontece?

O QUE É NECESSÁRIO?

O ensino de Jesus sobre oração e fé é muito preciso e claro. Nas parábolas mencionadas, particularmente nas duas primeiras, Jesus faz afirmações que, diante da experiência que tenho vivido, levantaram várias novas perguntas. Na primeira parábola, Jesus afirma que o amigo a quem o pão foi solicitado “dará tudo o de que tiver necessidade”. A afirmação de Jesus é clara, não apenas nessa parábola, mas em outras passagens dos Evangelhos: o Pai do céu dará tudo o de que necessitamos. Ele segue, na parábola, com os verbos

fundamentais da oração: pedir, buscar e bater, e faz outra afirmação muito forte e clara: “Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á”. E conclui comparando a imagem de um pai, como eu e todos os outros, que mesmo limitado e imperfeito atende às necessidades do filho, com a imagem do Pai celestial, que é perfeito e muito mais generoso que qualquer pai que possa existir. O Pai celestial suprirá todas as nossas necessidades. Essa é a promessa de Jesus. O problema para mim é que a minha necessidade não foi atendida, pois pedi e não recebi, busquei e não encontrei, bati e a porta permaneceu fechada. Esse é o conflito que muitos, como eu, enfrentam na prática da oração.

Esse conflito, quando negado, tende a nos levar a duas reações muito comuns: a primeira é que nos tornamos superficiais na prática da oração. É mais seguro. Oramos por trivialidades, demandas corriqueiras e até mesmo por necessidades que podemos resolver com os recursos que Deus nos deu e que, por preguiça ou outra razão qualquer, preferimos orar por elas. A segunda é o risco de esmorecermos, desistirmos de clamar, uma vez que Deus pode demorar em nos responder ou, pior, pode simplesmente não responder. Para evitar a frustração, deixo de orar ou transformo minhas orações em algo genérico sem expectativa alguma de que algo venha a acontecer. Não há risco de frustração. É como jogar na loteria: a chance de ganhar é mínima, mas, como ela existe, continuo jogando sem expectativa de que um dia serei sorteado. Muitos oram com esse mesmo sentimento.

Jesus promete que o Pai celeste atenderá a todas as nossas necessidades e que todo aquele que pede, recebe. Mas nem sempre é isso que acontece. Nem sempre nossas necessidades serão atendidas e nem sempre receberemos o que pedimos. Sabemos que nossas necessidades, ou as muitas coisas que pedimos, nem sempre são justas ou visam promover o bem do outro e a glória de Deus. Sabemos também que a oração não é como a lâmpada de Aladim e que o Deus bíblico não é como o gênio da lâmpada. Sabemos ainda que o sofrimento é real, que somos susceptíveis

aos vírus e bactérias, aos acidentes e à violência, à corrupção e à desordem social e econômica. Nosso corpo é frágil, o mundo em que vivemos é injusto, e todos sofrem as consequências da queda e do pecado, como enfermidade, desemprego, tragédias e rupturas. Oramos por tudo isso, mas nem sempre obtemos aquilo que suplicamos.

No entanto, sabemos que muitas súplicas que fazemos são justas e dizem respeito ao testemunho cristão e à promoção da glória de Cristo. Oramos pela conversão de pessoas que amamos, e o que vemos é um afastamento cada vez maior de Cristo. Oramos pelo avivamento da Igreja, e o que presenciamos é o esfriamento e uma apatia crescente. Oramos pela restauração de um casamento, e o divórcio parece ser inevitável. Oramos pela cura de uma pessoa querida, e vemos seu quadro de saúde piorar a cada dia, até a morte. Nossas necessidades nem sempre são atendidas, e aquilo que pedimos, nem sempre recebemos. O que fazer?

O ensino de Jesus sobre oração traz afirmações muito claras e precisas:

Tende fé em Deus; porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco.

– Marcos 11.22-24

E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.

– João 14.13-14

Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito.

– João 15.7

Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa.

– João 16.24

A prática da oração envolve basicamente a súplica com fé e a resposta de Deus. Essas promessas são claras e objetivas. O apelo de Jesus é: peçam e vocês receberão. A promessa de Jesus permanece tão real hoje como quando foi feita por ele aos seus discípulos na Palestina do primeiro século, mas às vezes temos a impressão de que vivemos mundos muito diferentes e distantes. Muitos perguntam se as promessas feitas por Jesus nos Evangelhos valem para os dias de hoje. Como relatei no início deste livro, depois de orar por quatorze meses, na companhia de toda a família e centenas de irmãos e irmãs, para que meu filho fosse curado, o que não aconteceu, um sentimento de vazio e desolação tomou conta de minha alma. Além de perder meu filho querido, me vi abandonado por Deus. Durante sua enfermidade, li e reli cada uma das promessas de Jesus sobre oração e fé. Na minha mente estava tudo claro. Precisava seguir orando com fé na certeza de que Deus sempre nos dá o que pedimos. Mas não foi o que aconteceu. Somos levados a pensar que as promessas de Jesus feitas aos discípulos nos Evangelhos não são válidas para nós hoje.

Apesar do sentimento de desolação e abandono, eu precisava discernir o que estava acontecendo. Uma tendência comum diante das orações não respondidas é buscar uma resposta diferente da que esperávamos. Ouvi isso de muitos amigos. Deus não curou o meu filho, mas fez muito mais do que pedi. Nunca duvidei da bondade de Deus, mas precisava lidar com uma realidade difícil, pelo menos para mim; fiz aquilo que Jesus ensina, orei

com fé dia e noite, confiei, e a cura não veio. Mesmo que ele tenha feito muito mais do que pedi – nunca duvidei disso –, o fato é que ele prometeu que atenderia a todas as minhas necessidades, que ouviria as minhas súplicas e me daria o que eu pedisse, mas isso não aconteceu.

C. S. Lewis usa uma imagem que nos ajuda a entender a natureza da bondade de Deus revelada na oração não respondida. Para ele, Deus muitas vezes nos fere apenas para curar e, nesse caso, a súplica por ternura é inútil. Ele usa a imagem de um cirurgião, cujas intenções são inteiramente boas, e “quanto mais gentil e consciente ele é, mais sem piedade prosseguirá cortando. Se ele desistir diante de suas súplicas, se ele se detiver antes que a operação chegue ao fim, toda a dor até aquele ponto terá sido inútil”.¹ Para Lewis, a bondade de Deus jamais permitiria algum sofrimento que não fosse necessário. Um cirurgião tem um conhecimento que o paciente não tem. Percebe a gravidade da enfermidade que o paciente não percebe, por isso age de forma que não agrada ao paciente, mas seu objetivo é curá-lo, não simplesmente ferir.

O Pai do céu a quem nos dirigimos em oração conhece todas as nossas necessidades antes mesmo de as expressarmos em oração. Isso nos leva a perguntar sobre o que realmente necessitamos. Se por um lado Deus, o Pai celeste, conhece e atende a todas as nossas necessidades, em que medida conseguimos discernir o que de fato necessitamos? Temos aqui uma tensão permanente na prática da oração. Quem de nós sabe o que realmente necessita? Nossas necessidades são definidas a partir de uma percepção estreita e limitada da realidade. Não temos todos os elementos necessários para discernir aquilo que de fato é importante. Como pais, precisamos discernir as necessidades de nossos filhos. Embora suas necessidades sejam, para eles, sempre imprescindíveis e urgentes, para nós pais, sabemos que a maioria delas, de fato, não é nem imprescindível, muito menos urgente. Portanto, mesmo a oração feita com fé, perseverança e confiança nem

sempre é atendida, e as necessidades reais e muitas vezes justas nem sempre serão consideradas assim.

Para mim, a necessidade de ver meu filho curado era justa, como a de muitos outros que oram pela cura de seus filhos, ou pela conversão do cônjuge, ou pela restauração de um casamento em crise. São necessidades reais e os motivos são justos, mas nem sempre nossas necessidades são atendidas. É possível que não houve fé? Sim, é possível. É possível que oramos de forma errada? Sim, é possível. Mas nenhum de nós jamais poderá dizer que orou sobre qualquer necessidade com a intensidade ideal de fé. Oramos como o pai daquele jovem possesso: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!” (Mc 9.24). Viveremos essa tensão sempre porque na maioria das vezes não entenderemos nem saberemos o porquê. É um mistério insondável. Precisamos aprender a confiar na sabedoria e bondade divinas, como uma criança precisa aprender a confiar no julgamento dos seus pais.

“Não sabemos orar como convém” (Rm 8.26). Nossas súplicas nascem da insegurança, medo, ansiedade e incertezas que vivemos. Em outras palavras, somos prisioneiros do tempo e das circunstâncias em que estamos. É claro que precisamos de um Deus que nos assista em nossas fraquezas, por isso é que Paulo diz que o Espírito intercede por nós, porque não somos capazes de discernir os caminhos de Deus. Sei que gostaria muito que meu filho tivesse sido curado, busquei isso com toda a força de minha alma, mas aprouve a Deus chamá-lo para junto de si. A dor é imensa, mas resistir aos desígnios de Deus pode transformar a dor em desespero.

SEJA FEITA A TUA VONTADE

Uma outra tensão diz respeito à nossa compreensão do que seja a vontade de Deus. Como já dissemos, afirmar que o que quer que aconteça foi a vontade de Deus não resolve o problema. No entanto, quando tomamos a

oração do Pai-Nosso como estrutura teológica básica para a prática da oração, temos de levar em conta a vontade de Deus sendo feita na terra assim como é feita no céu. Conscientemente ou não, essa é uma condição para a prática da oração.

A oração que Jesus nos ensinou a orar permaneceu como estrutura básica para todas as minhas orações diárias. Todos os dias eu orei para que o reino de Deus viesse e se manifestasse no meio de tudo que estávamos vivendo, e para que a vontade de Deus fosse feita aqui na terra como é feita no céu. Oramos de acordo com a vontade de Deus. Esse é o princípio. Oramos assim porque sabemos e cremos que Deus é justo, bom, misericordioso, compassivo, fiel e todo-poderoso.

Os cristãos sempre reconheceram que existe a vontade revelada de Deus e a vontade oculta de Deus, ou não revelada. O apóstolo Paulo afirma que Deus nos desvendou o mistério de sua vontade (Ef 1.9), o que significa que tudo o que precisamos saber sobre Deus, seus propósitos redentores, a missão que ele nos confiou, o que ele espera de sua Igreja, tudo o que é necessário conhecer ele já nos comunicou por meio de sua Palavra e de seu Filho encarnado. A vontade de Deus não é uma caixa-preta, trancada com vários cadeados, cujo conteúdo nos é totalmente desconhecido e, para conhecê-lo, precisamos orar e jejuar até que a caixa seja aberta. Esse não é um conceito cristão e bíblico da vontade de Deus; é um conceito pagão, típico das religiões animistas, em que o deus desses povos é impessoal, uma força ou um poder mágico que não pode ser conhecido, e eles precisam fazer oferendas e sacrifícios para que essas divindades revelem seus caminhos e consigam apaziguar sua ira. O Deus cristão é um Deus que se revela e cuja vontade nos é apresentada em sua Palavra. É um Deus pessoal, que vem até nós em Jesus Cristo e nos convida a nos relacionarmos com ele. Todo o mistério da vontade de Deus nos foi desvendado. Não temos diante de nós uma caixa-preta, mas um livro aberto.

Sempre me chamou a atenção o fato de que muitos cristãos estão mais preocupados em descobrir a vontade de Deus sobre aquilo que Deus não revelou do que sobre aquilo que ele já revelou. Preocupamo-nos mais em saber a vontade de Deus sobre onde vou trabalhar, com quem vou me casar, se devo mudar para esta ou aquela cidade, futuro e tudo mais, e nos preocupamos menos com o reino de Deus, o chamado à proclamação do evangelho, fazer discípulos, promover a reconciliação e a paz, e por aí vai. Imagino que muita frustração na experiência de oração acontece em virtude de nossa ignorância para com a Palavra de Deus e sua vontade nela revelada. Nossas expectativas são irreais, confundimos a vontade de Deus com nosso bem-estar, negamos o sofrimento e rejeitamos o caminho da cruz. Procurar compreender a vontade de Deus revelada nas Escrituras e buscar o reino de Deus e sua justiça acima de qualquer outra necessidade, deve nos levar a sermos mais reverentes, sóbrios e cautelosos em nossas orações.

Temos, porém, a vontade não revelada de Deus, ou a vontade oculta de Deus. Nos meus dias de luto, ouvi algumas palestras e li um dos livros do professor Jerry Sittser. Ele é professor de história do cristianismo e espiritualidade cristã na Universidade Whitworth, em Spokane, no estado americano de Washington. Em 1991 ele sofreu um acidente provocado por um motorista bêbado, em que morreram sua mãe, que estava passando uns dias com ele, sua esposa e uma de suas filhas. Sobreviveram ele e três filhos pequenos. Uma tragédia indescritível. Uma dor inimaginável. Três gerações de mulheres de sua família deixaram de existir numa fração de segundo. Desde então, ele tem se dedicado a refletir sobre a dor e o sofrimento à luz das Escrituras e do testemunho da história da Igreja. Passou a ler e estudar os escritos dos Pais da Igreja num esforço para encontrar respostas para o seu sofrimento. Suas palestras e livros têm me ajudado a refletir sobre o relacionamento do ser humano com Deus em meio à dor e ao sofrimento.

Um dos livros do professor Sittser que eu li tem um título bem apropriado para minhas reflexões: *When God Doesn't Answer Your Prayer* [Quando Deus não responde à sua oração].² Segundo ele, a vontade oculta, ou não revelada, de Deus é inescrutável e misteriosa porque diz respeito ao governo de Deus sobre a vida e a história, e à forma como ele conduz todas as coisas por um caminho desconhecido por nós, para um final glorioso já revelado por ele. Nós conhecemos o fim da história, mas não conhecemos os caminhos que nos levam a ele. Sabemos que no final haverá um novo céu e uma nova terra onde Deus enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte deixará de existir, não haverá luto, nem pranto, nem dor, e o próprio Deus habitará entre nós (Ap 21.1-4). No entanto, o caminho que percorremos para chegar a esse final glorioso é desconhecido por nós. O profeta Isaías diz que os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos, e os nossos caminhos não são os caminhos de Deus (Is 55.8). Deus não está limitado ao tempo e espaço como nós, e sua vontade transcende a compreensão e a lógica humanas.

No entanto, mesmo sabendo que os caminhos de Deus são inescrutáveis, ele permanece atento ao sofrimento humano e se revela como um Deus que penetra em nossas fraquezas e conhece a nossa dor. Sittser cita Gregório de Nissa (330–395), teólogo e místico da Capadócia e um dos grandes líderes e pensadores do cristianismo. Para Gregório, Deus se revela em sua grandeza majestosa, mas é na sua humildade que podemos, de fato, vislumbrar o seu poder.

Não é a vastidão dos céus e o brilho intenso das constelações, a ordem do universo e a administração ininterrupta de toda a existência que tão manifestamente exibem o poder transcendente de Deus como sua condescendência com a fraqueza de nossa natureza humana, na forma como a sublimidade é vista na humildade.³

A transcendência envolve não apenas a majestade e grandeza divinas, que são maiores, mais profundas e mais amplas do que tudo que possamos imaginar, mas também o mistério do Deus eterno que desce dos céus e vem ao nosso encontro. O Deus bíblico vem até nós na pessoa do seu Filho, entra em nosso mundo ferido, cansado e fragmentado, sofre as nossas dores, carrega sobre si o peso do nosso pecado e assume a nossa morte, oferecendo-nos o perdão, a reconciliação, a salvação e a ressurreição. A maneira como Deus se identifica com nossas fraquezas nos oferece um caminho para a prática da oração, porque, quando consideramos a humilhação de Deus manifestada em Jesus, percebemos que o caminho para a vida de oração requer de nós humildade e submissão.

O filósofo e teólogo checo Tomáš Halík, em seu livro *Toque as Feridas*, fala sobre a importância da “bênção da oração não respondida”.⁴ Segundo ele, é essa experiência espiritual que leva o ser humano a um sentido verdadeiro da fé, pois o propósito da fé e da oração não é resolver nossos problemas, mas compreender os desejos de Deus e nos alinhar a eles. Talvez seja difícil admitir, mas queremos um Deus que se converta a nós e que atenda a todas as demandas e necessidades que enfrentamos, como afirma Halík, um Deus autômato “que executa ordens de forma confiável e infalível [...] um eletrodoméstico confiável e potente”. Para ele, esse tipo de Deus não pode existir. Oramos por uma vida tranquila, boa e saudável, mas raramente oramos para que o reino de Deus venha e que sua justiça seja feita, mesmo que isso implique sofrimento e provação.

Diante da vontade oculta de Deus, “devemos encontrar força e sabedoria e desenvolver a disposição generosa que nos permite dar preferência aos desejos de Deus. Esse caminho, porém, certamente não será um caminho largo para muitos”.⁵ Halík afirma que “a oração é – ao contrário da apresentação de uma lista com nossas encomendas – ‘uma troca de preocupações’. Não se preocupem com comida, bebida, casa e roupas, mas procurem primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas as outras coisas

lhes serão acrescentadas, diz Jesus”.⁶ Comecei a entender duas coisas: a primeira é que eu deveria olhar para a minha dor e sofrimento, para o meu luto e minha perda a partir do sofrimento de Deus. Não é o meu sofrimento que define a ordem das coisas, mas o sofrimento de Deus. A outra é que a vontade não revelada de Deus não é qualquer coisa que venha a acontecer, mas a condução sábia, bondosa e também misteriosa dos caminhos de Deus.

Enquanto escrevia este livro, me encontrei um dia com um querido amigo, José Walter da Silva, com quem tenho conversado com certa frequência. Ele sofre há muitos anos de uma enxaqueca crônica. Já fez todo tipo de tratamento que os médicos indicaram, mas as dores sempre voltam. São dores intensas que já o levaram a desejar a morte. Por muito tempo suplicou pela cura, que nunca veio. O sentimento de abandono e desolação o acompanharam por muitos anos. A sensação de que não tinha fé suficiente ou que não era um discípulo totalmente submisso à vontade de Deus intensificava seu sofrimento. Ele comentou comigo que, todas as vezes que ia ao pronto-socorro para ser medicado, saía triste, mesmo que a dor tivesse sido aliviada momentaneamente, porque era, para ele, uma evidência do fracasso da fé. Porém, um dia, aconteceu algo que mudou sua perspectiva. A afirmação de Paulo de que “nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38-39) fez com que ele compreendesse que a presença de Deus não é uma realidade que transcende o sofrimento, mas que acontece no meio dele. Isso deu a ele a certeza de que Deus sempre ouve as orações e sempre lhes responde, porque nada pode nos separar do seu amor. Deus nunca nos abandona e permanece sempre presente em meio à dor e sofrimento. O relacionamento com Deus e o nosso sofrimento precisam ser considerados à luz do sofrimento do Filho de Deus.

O caminho de Deus sempre envolve a cruz. Segui-lo implica tomar, cada um de nós, a sua cruz de obediência e entrega. Esse caminho está totalmente fora do nosso controle. O abandono de Deus foi experimentado por Jesus em seu caminho para o Calvário. No Getsêmani Jesus ora dizendo: “Meu Pai, se possível, passa de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mt 26.39). “Como tu queres” não significa qualquer coisa. Podemos imaginar o Pai respondendo ao Filho assim: “Se tu quiseses, posso poupar-te dessa angústia e do sofrimento da cruz, mas somente tu serás beneficiado; porém, se seguires em frente com o que eu quero, tu irás sofrer, mas toda a humanidade será beneficiada, inclusive tu. O que preferes?”. O mesmo poderia ser considerado em relação à oração de Paulo mencionada no início deste livro. Deus poderia responder à sua oração da seguinte forma: “Paulo, se tu desejas, posso remover o espinho da tua carne que tanto te incomoda e que já te fez clamar por isso algumas vezes, e tu certamente encontrarás o alívio que tanto buscas. Porém, posso fazer mais do que isso, posso ajudar-te a entender e experimentar a minha graça, que é suficiente para suprir todas as tuas necessidades, inclusive essa. Mas, para crescer na minha graça, compreendê-la e viver a realidade que ela oferece, o espinho terá de ficar, ele é necessário para que entendas a riqueza da minha bondade. Então, o que preferes?”. A oração não respondida não é a negação do que suplicamos, mas um caminho ainda mais excelente.

A oração do Getsêmani reflete uma tensão constante na prática da oração: o que eu quero e o que Deus quer. A oração deve expressar nossa necessidade e Deus promete ouvir e atender. O problema, como bem descreveu C. S. Lewis, é que “somos criaturas divididas, correndo atrás de álcool, sexo e ambições, desprezando a alegria infinita que se nos oferece, como uma criança ignorante que prefere continuar fazendo seus bolinhos de areia numa favela, porque não consegue imaginar o que significa um convite para passar as férias na praia. Contentamo-nos com muito pouco”.⁷

Contudo, não é simples, nem fácil, aceitar uma outra resposta que não seja aquela que buscamos, nem compreender e discernir esse caminho que certamente é mais excelente que o nosso. Não tem sido fácil para mim e imagino que não deve ser para muitos. O que eu mais desejei foi ver o meu filho curado, mas isso não aconteceu e tem sido muito difícil e doloroso, mas hoje já consigo ter vislumbres do caminho mais excelente, da vontade de Deus sendo feita aqui na terra como é feita no céu.

A oração não respondida precisa ser considerada à luz do sofrimento de Deus e do mistério de sua vontade não revelada. As feridas de Jesus permanecem com ele mesmo depois da ressurreição, e isso nos ajuda a manter a perspectiva de que seguimos e adoramos um Deus ferido, e que o sofrimento é uma realidade inerente ao discipulado. Minhas orações não respondidas precisam ser consideradas sob essa ótica. A cruz foi a resposta mais eloquente de Deus ao clamor mais profundo do ser humano.

PARTICIPANDO DA OBRA DE DEUS NO MUNDO

Outra tensão que temos na prática da oração é que, embora Deus seja o Senhor soberano sobre toda a criação, ele nos chama e aceita que participemos de sua obra no mundo. Timothy Keller em seu livro sobre oração, ao comentar a soberania de Deus, diz: “Deus está no comando de tudo o que acontece – não haveria a menor possibilidade de que nossas orações disputassem com Deus o controle sobre qualquer parte do Universo e o tirasse de suas mãos. No entanto, faz parte da bondade e do desígnio de Deus permitir que o mundo seja suscetível a nossas orações”.⁸ Nas narrativas bíblicas, tanto do Velho como do Novo Testamentos, encontramos vários testemunhos de como a oração mudou eventos e circunstâncias, muitas delas improváveis.

Nos primeiros dias após o diagnóstico do câncer do meu filho, me dei conta de que minha compreensão de fé se limitava a uma fé confessional.

Sempre cri nas doutrinas bíblicas do cristianismo. Não tenho dificuldade alguma em crer nas verdades afirmadas no Credo Apostólico e nas confissões históricas do cristianismo. Mas a fé viva, a fé que faz as coisas acontecerem, a “fé que move montanhas”, para usar uma expressão de Jesus, eu nunca havia experimentado. Porém, como afirma Timothy Keller, “faz parte do desígnio de Deus permitir que o mundo seja suscetível a nossas orações”.

A cultura moderna em que vivemos e exercitamos a fé não nos ajuda muito. O individualismo transformou nossas orações num evento privado e intimista. Nossos desejos foram reduzidos a pequenas ambições egoístas e narcisistas. Buscamos, em nossas orações, bem-estar, sucesso, segurança e conforto. Oramos para que nossos filhos sejam bem-sucedidos, tenham uma vida confortável, uma profissão segura e não sofram mal algum. Não oramos para que sejam corajosos, comprometidos com a justiça e a verdade, que não tenham medo de sofrer pelo reino de Deus. Se o mundo depende das orações do povo de Deus, o seu futuro é sombrio.

No livro *A Última Noite do Mundo*, no capítulo em que escreve sobre a “eficácia da oração”, C. S. Lewis diz:

Pois ele parece não fazer nada de si mesmo que possa delegar a suas criaturas. Ele nos ordena fazer devagar e desajeitadamente o que poderia fazer perfeitamente e num piscar de olhos. Ele nos permite negligenciar o que ele quer que façamos, ou fracassar nisso. Talvez não compreendamos plenamente o problema, por assim dizer, de permitir que vontades livres coexistam com a Onipotência. Isso parece envolver a todo momento quase uma espécie de abdicação divina. Nós não somos meros receptores ou espectadores. Temos o privilégio de participar do jogo ou somos compelidos a colaborar no trabalho [...] A oração não é uma máquina. Não é mágica. Não é um conselho oferecido a Deus. Nosso ato, quando oramos, não deve, mais do que todos os nossos

outros atos, ser separado do contínuo ato do próprio Deus, no qual somente todas as causas finitas operam.⁹

Gosto da ideia de que Deus nos ordena a fazer, mesmo que desajeitadamente, o que ele poderia fazer num piscar de olhos. Não precisaríamos orar, nem clamar dia e noite por nada, uma vez que Deus poderia fazer qualquer coisa perfeitamente e sem nossa ajuda. Mas ele nos concede a graça de participar daquilo que ele faz no mundo, e é por meio da oração que participamos da obra de Deus. A oração é a forma como participamos daquilo que Deus vem realizando na história. Esse é o sentido da afirmação mais contundente de Jesus em seu sermão de despedida:

Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.

– João 14.12-14

Depois de lavar os pés dos seus discípulos e celebrar com eles a Páscoa, Jesus começa a prepará-los para a sua partida. Ele basicamente diz o seguinte: “Eu vim do meu Pai e realizei a obra que ele me confiou, e agora volto para o Pai. Não estarei mais presente no mundo. Quem estará presente no mundo serão vocês, meus discípulos. Se vocês crerem em mim, vocês farão aquilo que eu tenho feito e farão coisas ainda maiores do que as que eu fiz, porque eu vou para o Pai. Assim que eu for, enviarei para vocês o Espírito Santo, e ele fará, por meio de vocês, aquilo que eu tenho feito. Tudo aquilo que vocês pedirem ao Pai em meu nome, para fazer aquilo que eu mesmo faria se estivesse aqui no mundo, eu vou atender, para que, como eu glorifiquei o Pai fazendo tudo aquilo que lhe agrada, vocês também

possam glorificá-lo fazendo tudo aquilo que me agrada”. Num breve resumo, é isso que Jesus está comunicando aos seus discípulos nos capítulos 14 a 16 do Evangelho de João.

A Igreja de Cristo é a presença de Cristo no mundo e segue realizando a sua missão. Ele é o cabeça da Igreja, e nós, seu corpo. A oração cumpre um papel fundamental na tarefa da Igreja, participando daquilo que Cristo fez e segue fazendo. Jesus nos convida a pedir, e é disso que trata a oração. João Crisóstomo (345–407), presbítero de Antioquia e bispo de Constantinopla, fez uma impressionante afirmação sobre o lugar da oração na missão do povo de Deus:

O poder da oração subjuguou a força do fogo; reprimiu a fúria do leão, trouxe descanso à anarquia, extinguiu guerras, apaziguou os elementos da natureza, expulsou demônios, rompeu as cadeias da morte, abriu os portões do céu, curou enfermidades, repeliu fraudes, resgatou cidades da destruição, parou o curso do sol e deteve o avanço da tempestade. A oração é uma armadura eficiente, um tesouro que nunca diminui, uma mina que nunca se exaure, um céu que não fica coberto por nuvens, um céu sem tempestade. É a raiz, a fonte, a mãe de milhares de bênçãos.¹⁰

Séculos depois, Jeremy Taylor (1613–1667), clérigo da Igreja da Inglaterra, fez praticamente a mesma afirmação sobre a oração:

As orações de homens santos apaziguam a ira de Deus, afastam tentações, resistem ao diabo e o vencem, obtêm o ministério e serviço de anjos, rescindem os decretos de Deus. A oração cura a enfermidade e obtém perdão; detém o curso do sol e para as rodas da carruagem da lua; governa sobre todos os deuses e abre e fecha as comportas da chuva, destrava o útero e apaga a violência do fogo; fecha a boca de leões e tranquiliza nosso sofrimento e cansaço causados pela violência

da tormenta e da perseguição; agrada a Deus e supre todas as nossas necessidades.¹¹

O mundo de Deus entrou no nosso mundo. O reino de Deus veio a nós em Jesus Cristo. Na oração sacerdotal, por duas vezes Jesus afirmou que tanto ele como seus discípulos “não são deste mundo”. Na oração que Jesus nos ensinou, oramos para que o “reino de Deus venha e que sua vontade seja feita aqui na terra como é feita no céu”. Em outras palavras, a vinda do reino de Deus implica a presença e o governo de Deus no mundo dos homens. A oração é o meio de participarmos do reino de Deus no mundo em que vivemos. Por meio dela entramos e participamos de um mundo que não é o nosso, o mundo de Deus.

Temos alguns exemplos impressionantes de como, por meio da oração, Deus interveio na história realizando seu propósito. Moisés é um desses exemplos. Deus manifestou sua ira ao ver o povo adorando o bezerro de ouro no pé do monte Sinai e decidiu que iria executar seu juízo sobre o povo idólatra, destruindo-os: “Disse mais o Senhor a Moisés: Tenho visto este povo, e eis que é povo de dura cerviz. Agora, pois, deixa-me, para que se acenda contra eles o meu furor, e eu os consuma; e de ti farei uma grande nação” (Êx 32.9-10).

Porém, Moisés clamou a Deus pelo povo, dia e noite, por quarenta dias:

Prostrado estive perante o Senhor, como dantes, quarenta dias e quarenta noites; não comi pão e não bebi água, por causa de todo o vosso pecado que havíeis cometido, fazendo mal aos olhos do Senhor, para o provocar à ira. Pois temia por causa da ira e do furor com que o Senhor tanto estava irado contra vós outros para vos destruir; porém ainda esta vez o Senhor me ouviu. O Senhor se irou muito contra Arão

para o destruir; mas também orei por Arão ao mesmo tempo.

– Deuteronômio 9.18-20

Ele segue dizendo:

Prostrei-me, pois, perante o Senhor e, quarenta dias e quarenta noites, estive prostrado; porquanto o Senhor dissera que vos queria destruir. Orei ao Senhor, dizendo: Ó Senhor Deus! Não destruas o teu povo e a tua herança, que resgataste com a tua grandeza, que tiraste do Egito com poderosa mão. Lembra-te dos teus servos Abraão, Isaque e Jacó; não atentes para a dureza deste povo, nem para a sua maldade, nem para o seu pecado, para que o povo da terra donde nos tiraste não diga: Não tendo podido o Senhor introduzi-los na terra de que lhes tinha falado e porque os aborrecia, os tirou para matá-los no deserto. Todavia, são eles o teu povo e a tua herança, que tiraste com a tua grande força e com o braço estendido.

– Deuteronômio 9.25-29

Deus disse que iria acender contra eles o seu furor e consumi-los, mas Moisés orou e Deus resolveu poupar o seu povo. A oração de Moisés muda o plano de Deus, poupa o povo da morte e lhe oferece mais uma chance.

O rei Ezequias é outro exemplo de como a oração muda o curso da vida e da história.

Por aquele tempo Ezequias ficou doente, à morte. O profeta Isaías, filho de Amoz, veio ter com ele, e lhe disse: Assim diz, o Senhor: Põe em ordem a tua casa porque morrerás, e não viverás. O rei, ao ouvir esta profecia, ficou profundamente angustiado e orou, dizendo: Lembra-te agora, ó Senhor, te peço, de como tenho andado diante de ti com fidelidade e integridade de coração, e tenho feito o que era reto aos teus

olhos. Depois de sua oração, ele chorou copiosamente. Isaías não tinha saído do palácio quando veio a ele a palavra do Senhor dizendo: Volta, e dize a Ezequias, príncipe do meu povo: Assim diz o Senhor Deus de teu pai Davi: Ouvi a tua oração, e vi as tuas lágrimas. Eis que eu te sararei; ao terceiro dia subirás à casa do Senhor. Acrescentarei aos teus dias quinze anos; e das mãos do rei da Assíria te livrarei, a ti e a esta cidade; e defenderei esta cidade por amor de mim, e por amor do meu servo Davi.

– 2 Reis 20.1-6

Deus revoga seu decreto e concede mais quinze anos de vida ao rei Ezequias. O que aconteceu para haver essa mudança nos planos de Deus? Oração! Deus ouviu as orações de Ezequias e viu as suas lágrimas e mudou seus planos.

Outro exemplo acontece na cidade iníqua de Nínive. Deus chama Jonas e lhe dá a seguinte mensagem para ser proclamada em Nínive: “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida” (Jn 3.4). A mensagem que Deus deu a Jonas é que aquela grande e violenta cidade seria destruída. Mas o povo de Nínive ouviu a mensagem, creu em Deus, e todos os habitantes se vestiram de panos de saco em sinal de arrependimento, oraram e jejuaram. O próprio rei participou do grande jejum e oração, com arrependimento, conversão e grande clamor diante de Deus. O que aconteceu foi surpreendente: “Viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não o fez” (Jn 3.10).

São muitos os exemplos que encontramos na Bíblia. Deus não abriu mão de seu governo soberano, nem de sua vontade absoluta, mas concedeu ao seu povo a graça de participar de sua missão. Não se trata daquilo que alguns, de forma um tanto arrogante, gostam de afirmar quando dizem que a terra governa os céus. Ao fazer uma aliança com seu povo, Deus nos

convida a participar de sua missão no mundo e, de forma humilde, submissa e obediente, participamos dela. Nossas orações, todas elas, são ouvidas por Deus – essa é a sua promessa. Deus ouve o clamor apaixonado de Moisés, ouve a súplica aflita de Ezequias e vê suas lágrimas, e leva em consideração o arrependimento sincero de Nínive. Ninguém pretendia governar os céus. Todos estavam, humildemente, buscando consolo e alívio na graça de Deus.

No Evangelho de João, no discurso de despedida (14-16), Jesus afirma sete vezes a promessa de que aquilo que seus discípulos pedirem, receberão (14.13-14; 15.7, 16; 16.23-24, 26). Mesmo quando Deus não responde às nossas orações, devemos, por obediência, prosseguir orando, dia e noite, para que o reino de justiça de Jesus Cristo seja manifestado no mundo. A Igreja de Cristo precisa exercer esse papel. Precisamos orar pela cura dos enfermos, pela restauração de relacionamentos, pelo avivamento da Igreja, pela paz na cidade e pela manifestação de todos os sinais do reino que são necessários para a missão de Jesus Cristo no mundo. Precisamos orar com grande expectativa, a mesma expectativa daquela viúva que buscou justiça, mesmo sabendo que o juiz era iníquo. Nossa expectativa deve ser bem maior considerando a bondade do nosso Pai celeste.

O grande pregador do século 19 Charles H. Spurgeon (1834– 1892) pregou um sermão no Tabernáculo Metropolitano de Londres em 12 de outubro de 1862. O texto base foi o Evangelho de Marcos 9.23, em que Jesus responde ao pai de um jovem possesso que implora pela cura do seu filho que “tudo é possível ao que crê”. Ele fez um apelo eloquente à sua igreja:

Temo que ainda haja muitos de vocês que não chegaram à plenitude do significado da fé. Viver em uma região de milagres, ser chamados de fanáticos, ver a mão de Deus tão visivelmente quanto você vê a sua própria, reconhecê-lo como algo maior do que uma causa secundária, encontrá-lo como aquele cujo braço você pode mover, cujo poder você

pode comandar, estar em uma posição extraordinária, muito acima do lugar onde a razão pode colocá-lo – saber que você é um filho de Deus distinto, separado e especialmente favorecido. Oh! Este é o paraíso que começa aqui.¹²

Ele acreditava que, se a Igreja na Inglaterra (e sua igreja, em particular) orasse com fé e perseverança, toda a Inglaterra seria evangelizada. Sei que muitos se assustam com expressões como “mover o braço de Deus” ou “comandar o poder de Deus”. Também me assusto com elas, mas o excesso de cuidado, por outro lado, tem nos deixado tímidos em relação ao poder de Deus e à forma como atuamos em seu nome. Precisamos encontrar os meios de exercer a autoridade que Jesus nos concedeu. Porém, se Jesus nos confiou a palavra da evangelização, e o Espírito nos concedeu os dons do Senhor ressurreto, precisamos exercê-los para o bem de todos e a glória de Deus. Participamos daquilo que Deus está fazendo no mundo por meio da fé e da oração, somos seu “corpo”, sua presença no mundo.

O LAMENTO E A SÚPLICA

Outra tensão que experimentamos na prática da oração é manter uma relação saudável entre a súplica e o lamento. A Bíblia nos oferece uma linguagem adequada para os momentos de dor e sofrimento e para as orações não respondidas. A linguagem de lamento nos ajuda a penetrar no mistério e na angústia do silêncio de Deus. O Salmo 22 é um salmo de lamento. É nesse salmo que Jesus encontra a linguagem para sua oração mais angustiante: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (v. 1). O salmo continua com o lamento mais frequente da alma humana: “Deus meu, clamo de dia, e não me respondes; também de noite, porém não tenho sossego” (v. 2). Davi, como eu e tantos outros, experimentou a dor da oração não respondida.

A metade dos salmos é de lamento, queixa e angústia, e todos eles são voltados para Deus. Os salmistas não reagem ao sofrimento e à oração não respondida aceitando qualquer coisa como sendo a vontade de Deus, e não têm dificuldade alguma de apresentar seu lamento e sua queixa a Deus. Eles reconhecem que, mesmo que Deus não seja o autor do sofrimento, é com ele que o sofrimento precisa ser tratado. A razão para isso é que eles reconheciam que, apesar do sofrimento, Deus é sempre justo e misericordioso, por isso ele ouve nosso lamento, aceita nossas queixas e acolhe nossas angústias. Encontramos nos salmos expressões para todo tipo de sentimento e emoção que vivemos, e Deus deseja que sejamos sinceros a respeito de cada um deles. Ele espera que nossas emoções se transformem em orações, clamores e lamentos, por mais amargos que possam ser:

Por que, Senhor, te conservas longe? E te escondes nas horas de tribulação?

– Salmos 10.1

Estou cansado de tanto gemer; todas as noites faço nadar o meu leito, de minhas lágrimas o alago. Meus olhos, de mágoa, se acham amortecidos, envelhecem por causa de todos os meus adversários.

– Salmos 6.6-7

Ó Senhor, Deus dos Exércitos, até quando estarás indignado contra a oração do teu povo? Dás-lhe a comer pão de lágrimas e a beber copioso pranto.

– Salmos 80.4-5

Senhor, como tem crescido o número dos meus adversários! São numerosos os que se levantam contra mim. São muitos os que dizem de

mim: Não há em Deus salvação para ele.

– Salmos 3.1-2

Alguns desses salmos tornaram-se minhas orações. Tomei emprestada a linguagem de lamento dos salmistas para expressar minha própria angústia. Percebi quanto é difícil para alguém com a minha formação usar esse tipo de linguagem para me referir a Deus. Orar dizendo a Deus: “Por que te conservas longe e escondes o teu rosto de mim na hora da tribulação” ou: “Por que me deste para comer pão de lágrimas e para beber o meu próprio pranto?” não é uma linguagem comum, mesmo quando fechamos a porta do quarto e oramos secretamente, mas é a expressão sincera daquilo que sentimos e experimentamos.

Jerry Sittser reconhece que a linguagem dos salmos é mais fiel e adequada à sua própria experiência do que a linguagem clínica que usamos hoje, influenciada pela cultura terapêutica. Ele diz: “Usamos palavras clínicas como depressão, mas os salmos usam palavras como abismo, cova e escuridão. Falamos de perda, mas os Salmos falam de caminhar pelo vale da sombra da morte. Nenhuma linguagem clínica é tão visceral e poderosa como esta.”¹³ Sittser reconhece que nenhuma linguagem é tão profunda nem expressa de forma mais adequada os sentimentos e as emoções como a que encontramos em Salmos 22.14-15: “Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim. Secou-se o meu vigor, como um caco de barro, e a língua se me apega ao céu da boca.

A linguagem de lamento nos Salmos nos ajuda a lidar com o sofrimento e com a angústia da oração não respondida. A bondade de Deus não só aceita, como também nos convida à honestidade em relação às nossas emoções. O que Deus não aceita, na verdade abomina, é a linguagem falsa: “O que Deus não tolera é um santo plástico, um crente educado, alguém que desempenha um papel, mas nunca penetra na alma do caráter. Deus prefere trabalhar

com pessoas que gostam de lutar”.¹⁴ A piedade plástica, a devoção educada, as palavras bem construídas e formuladas das orações impessoais, mais preocupadas em impressionar o público, nunca agradaram a Deus.

A doutrina da soberania de Deus é fundamental na revelação bíblica sobre a natureza divina. Cremos que Deus é Todo-Poderoso, Santo, Criador de todas as coisas, Onisciente e Onipresente, que tem o governo da história em suas mãos, conduz nossos passos e dirige o destino de cada um. Cremos que nada acontece fora do seu domínio, que nem mesmo um fio de cabelo de nossa cabeça cai sem seu consentimento. Isso tudo é verdade e nos oferece uma base sólida para a confiança nele. Porém, isso nos leva a pensar que, se alguém passa por uma terrível provação, sofre a dor da perda de uma pessoa querida ou outro tipo de sofrimento, tudo está, em última análise, sob o controle de Deus, e que Deus pode fazer, caso ele queira, algo para aliviar o sofrimento, ou mesmo resolvê-lo. Se nada acontece, é porque Deus decidiu não fazer nada. Essa atitude, embora reconheça a soberania de Deus, torna nossa experiência espiritual superficial e confusa, tende a perpetuar certa imaturidade e nos impede de penetrar nos abismos da verdadeira experiência com Deus. Pode, inclusive, alimentar mágoas ou desilusões reprimidas. No entanto, embora os salmistas, como nós, creiam num Deus soberano, eles reagem ao sofrimento responsabilizando a Deus e questionando sua maneira de agir.

Até quando, ó Senhor, te esquecerás de mim? Para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto? Até quando encherei de cuidados a minha alma, tendo tristeza no meu coração cada dia? Até quando o meu inimigo se exaltará sobre mim?

– Salmos 13.1-2

Até quando, Senhor? Esconder-te-ás para sempre? Até quando arderá a tua ira como fogo?

– Salmos 89.46

A expressão “até quando” do salmista é uma linguagem de lamento. Ele está cansado do esquecimento de Deus, cansado da dor e das provações que enfrenta todos os dias, cansado das humilhações. Diante da demora, ele questiona a Deus, apresenta sua queixa, requer de Deus uma resposta. Os problemas e sofrimentos que ele enfrenta certamente têm causas políticas, econômicas, sociais, mas ele se volta para Deus exatamente porque Deus é soberano sobre todas as coisas.

O profeta Jeremias apresenta uma queixa a Deus:

Justo és, ó Senhor, quando entro contigo num pleito; contudo, falarei contigo dos teus juízos. Por que prospera o caminho dos perversos, e vivem em paz todos os que procedem perfidamente? [...] Até quando estará de luto a terra, e se secará a erva de todo o campo? Por causa da maldade dos que habitam nela, perecem os animais e as aves; porquanto dizem: Ele não verá o nosso fim.

– Jeremias 12.1, 4

Ele, como nós, reconhece que Deus é justo em tudo o que faz, mas precisa discutir com Deus sobre sua justiça, porque para ele não faz sentido o ímpio prosperar promovendo a maldade e a destruição sobre o justo. Ele precisa entender o que está acontecendo e qual a relação de Deus com tudo isso. O lamento é uma linguagem própria da aliança. Mesmo que o relacionamento não seja entre iguais, Deus aceita entrar e participar do nosso mundo e nos convida a participar do seu, e nesse relacionamento sempre existirá tensão.

O Deus descrito nos Salmos é grande o suficiente para absorver nossas acusações e assumir total responsabilidade pelo sofrimento do mundo.

Os salmos colocam Deus diretamente no centro do problema. Oração não respondida é problema de Deus. Deus é bom, soberano e sábio, responsável por administrar o universo. Sua vontade soberana e graciosa deve prevalecer, especialmente quando clamamos a ele. Se algo der errado, Deus é o culpado, pelo menos é assim que o salmista acredita. Você se atreve a acreditar na mesma coisa? Você se sente tão livre quanto o salmista para dirigir suas reclamações a Deus?¹⁵

Durante a enfermidade do meu filho, o silêncio de Deus e sua demora em responder às nossas orações me levaram, como Davi ou Jeremias, a gritar o meu “até quando” diante de Deus. Em minhas orações, nunca afirmei que Deus tivesse falhado ou agido de forma indiferente ao meu sofrimento; apenas precisava enfrentar o meu sofrimento, e o único lugar para lidar com ele era o próprio Deus. A oração de Jeremias começa no capítulo 12, mas, à medida que ele segue perguntando, questionando, apresentando seu pleito a Deus, um novo caminho se abre diante dele. Ele passa a ter uma nova perspectiva dos propósitos de Deus, de sua justiça, do seu agir, e o pleito se transforma em obediência, e uma nova serenidade envolve sua alma. É o que vemos no final do Salmo 13. Davi começa perguntado: “Até quando, até quando, até quando, até quando”, e toda a sua queixa diz respeito a ele e ao seu sofrimento. Seus olhos estão totalmente voltados para ele. Porém, à medida que ele avança em sua oração, seus olhos mudam o foco, ele se volta para Deus e descobre que o melhor é confiar no Senhor, alegrar-se nele e louvá-lo pelo bem que ele tem feito. Uma mudança extraordinária. Ele se move da queixa à adoração, mas isso não aconteceu sem luta e tensão.

1. LEWIS, C. S. *A anatomia de uma dor*. São Paulo: Editora Vida, 1996. p. 65.↵

2. SITTSER, Jerry. *When God doesn't answer your prayer*. E-book. Zondervan, 2007.↵

3. Gregório de Nissa, citado por Jerry Sittser em *When God Doesn't Answer Your Prayer*. E-book. Zondervan, 2007. p. 117.↵
4. HALÍK, Tomáš. *Toque as feridas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016. p. 109.↵
5. Ibid. p. 109-110.↵
6. Ibid. p. 110.↵
7. LEWIS, C. S. *Peso de glória*. E-book. p. 7.↵
8. KELLER, Timothy. *Oração: experimentando intimidade com Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 218.↵
9. LEWIS, C. S. *A última noite do mundo*. E-book. Thomas Nelson Brasil. Capítulo 1.↵
10. BOUNDS, E. M. *Propósito na Oração*. Ebook Kindle. Capítulo 4.↵
11. Ibid.↵
12. Charles H. Spurgeon. Spurgeon.org – Digital Library – Sermons – Omnipotent Faith – October 12, 1862.↵
13. SITTSER, Jerry. *When God Doesn't Answer Your Prayer*. E-book Kindle. p. 65.↵
14. Ibid. p. 70.↵
15. Ibid. p. 74.↵

Epílogo

NAS TRÊS PARÁBOLAS ABORDADAS, Jesus deixa claros três princípios fundamentais para a oração e o relacionamento com Deus. São princípios que facilmente se perdem, principalmente quando transformamos a oração num fim em si mesma. Na primeira parábola, é comum acharmos que o valor da súplica está no amigo importuno. Em vez de reconhecermos a honra do nome de Deus e a vindicação que ele faz da sua santidade, valorizamos a oração em si e o nosso esforço. Sendo assim, a oração diz respeito a mim, e não a Deus. Diz respeito à minha insistência, e não à santidade, honra e glória de Deus.

Na segunda parábola, é comum desistirmos de clamar pelo reino de Deus e sua justiça diante do avanço da maldade e da demora de Deus em manifestar seu reino de justiça e paz. Não oramos apaixonadamente pela justiça como aquela viúva, e somos levados a pensar que Deus age como aquele juiz injusto. A oração esmorece e a fé esfria. Por fim, na terceira parábola, do fariseu e do publicano que sobem ao templo para orar, percebemos quanto, sutilmente, negamos a graça de Deus. Não nos vemos como pecadores que necessitam de um sacrifício para sermos reconciliados e aceitos por Deus. Nossas orações são tão narcisistas como a do fariseu, mesmo quando tentamos maquiá-las com palavras piedosas. Mas no fundo julgamos que somos melhores que os outros, merecemos mais que os outros, e por isso é raro ver hoje um cristão com uma vida confortável, sem grandes problemas para enfrentar, batendo no peito em meio a lágrimas e, dizendo a Deus: “Sê propício a mim, porque sou um pecador”. Paulo nos oferece o melhor testemunho sobre esse tema:

Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne. Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível.

– Filipenses 3.3-6

Era assim que Paulo se via antes do seu encontro com o Crucificado. Ele era bom, justo e reto em tudo o que fazia, exatamente como o fariseu da parábola. Teve uma extraordinária formação e tinha a mais absoluta certeza de que era um amigo de Deus, fazendo o que acreditava ser a vontade de Deus. Em virtude de sua formação e zelo, aprendeu a confiar em si mesmo ou, como ele preferia dizer, confiar na carne. Porém, o encontro com Jesus na estrada de Damasco mudou toda a perspectiva para Paulo:

Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos.

– Filipenses 3.7-11

Aquilo em que ele se apoiava e tinha grande orgulho agora não significa nada. O encontro com Jesus quebrou sua arrogância e semeou uma sincera

humildade. Sua vida adquiriu uma nova perspectiva. O sofrimento que ele impunha sobre os cristãos que ele perseguia com extraordinário zelo religioso passa a ser seu próprio sofrimento, que ele reconhece como uma forma de participar dos sofrimentos de Cristo. Como tenho afirmado ao longo destas páginas, tudo diz respeito ao relacionamento com Deus.

As três parábolas sobre oração nos ajudam a conhecer melhor o Deus a quem nos dirigimos em oração, a conhecer a nós mesmos e nossa condição diante de Deus, e a conhecer o motivo que deve nos preservar orando sempre e nunca desanimar, mesmo quando enfrentamos o sofrimento e a dor, experimentamos o silêncio de Deus e a oração não respondida. Durante os meses de tratamento do meu filho, ouvi várias histórias de milagres e curas como respostas às orações fiéis e perseverantes de cristãos. Testemunhos inspiradores. Também li livros sobre a importância da oração perseverante e seus efeitos na vida e na história do povo de Deus. Tudo isso me inspirava e animava a continuar clamando pela cura do meu filho. A minha experiência se junta à de muitos outros cujo resultado trouxe, em vez de um testemunho poderoso da ação de Deus, um relato frustrado de orações não respondidas. Como devemos olhar para essas experiências, tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão comuns? Isso me faz lembrar o relato do autor da Carta aos Hebreus sobre o testemunho de fé dos nossos antepassados, particularmente a parte final do capítulo 11:

E que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas, os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros. Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate,

para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra. Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa.

– Hebreus 11.32-39

Quem teve mais fé? Os que subjugaram reinos, fecharam a boca de leões, escaparam da espada, venceram exércitos poderosos, receberam pela ressurreição aqueles que haviam morrido ou os que foram açoitados, presos, apedrejados, serrados pelo meio, mortos pela violência da espada, necessitados, afligidos e maltratados? Quem demonstrou ter mais fé? Nossa cultura religiosa nos ensina a reconhecer fé nos relatos vitoriosos em que o milagre é percebido sem esforço algum. Contudo, a mesma fé foi vivida por aqueles que, em vez de experimentarem grandes milagres de cura e libertação, sofreram e enfrentaram toda sorte de tribulação. A fé, segundo o testemunho do autor da Carta aos Hebreus, foi determinada pela fidelidade a Cristo, e não pelo resultado positivo e poderoso de uma situação específica.

Eu não poderia finalizar este livro sem relatar o grande milagre que o poder de Deus operou na vida de Thiago. Os últimos três anos de sua vida foram marcados por uma experiência profunda com Deus. Thiago e Flávia desejavam muito ter um filho e oraram muito por isso. Depois de alguns anos de tratamento e algumas experiências dolorosas e frustradas, finalmente veio a gravidez tão sonhada. Logo nos primeiros meses, num dos exames de rotina, levantou-se a suspeita de que o bebê tivesse a síndrome de Down. Foi uma notícia inesperada que trouxe certa tristeza, a

qual passou rapidamente. No lugar dela, surgiram grande alegria e profunda gratidão. Precisavam fazer outro teste para confirmar, mas isso já não representava preocupação alguma. Todos nós estávamos alegres e aguardávamos com expectativa a chegada de Ricardo Neto.

Quando o novo exame confirmou a síndrome, minha esposa e eu estávamos viajando. Thiago nos ligou e deu a notícia. Perguntei como ele e Flávia estavam e ele respondeu que estavam muito bem, felizes, e que aquilo não mudara nada na vida deles. Então ele disse algo que me fez perceber quanto ele havia mudado: “Se Deus dissesse para mim hoje que eu poderia ir até a fábrica e trocar meu filho por um outro sem síndrome, eu não iria. Foi por este filho que nós oramos, e foi este o filho que Deus nos deu, e é este o filho que amamos. Não quero outro”. Minha esposa disse a ele que este filho era um grande presente de Deus para todos nós e nos ensinaria coisas que nunca sequer imaginamos. Assim foi o restante da gravidez de Flávia.

Ricardinho nasceu em outubro de 2018 trazendo grande alegria para todos, como um sinal da grande transformação que todos nós – particularmente Thiago e Flávia – estávamos experimentando. Ele nasceu com uma cardiopatia já diagnosticada na gestação e com 8 meses de vida passou por uma cirurgia cardíaca. Foi um momento de grande tensão para todos, mas Thiago e Flávia viam a mão de Deus e seu cuidado em cada detalhe. Tudo isso foi consolidando uma profunda transformação espiritual, um verdadeiro milagre, particularmente na vida de Thiago. A cirurgia correu bem, Ricardinho recuperou-se rapidamente e, pouco mais de um mês após a sua cirurgia, Thiago foi diagnosticado com câncer. A essa altura muita coisa já tinha acontecido em sua vida.

Transcrevo a seguir um pequeno texto que Thiago escreveu para o boletim de nossa igreja no dia 17 de novembro de 2019, quando estava fazendo o primeiro ciclo de quimioterapia:

Desde muito novo, aprendi a encarar as circunstâncias da vida de uma forma objetiva e pragmática. Diante dos desafios que apareciam, era comum eu adotar a postura do “deixe que eu resolvo, não se preocupe”.

Confesso que achava isso absolutamente normal, seja em razão do meu perfil, seja por causa do ambiente de trabalho em que convivo. Mal percebia que, ao agir dessa forma, acabava relegando a confiança e dependência em Deus para um segundo plano.

Foi quando, cerca de dois anos atrás, Deus decidiu conduzir minha vida e a da minha família por lugares onde não tenho ingerência alguma. Desde então, temos aprendido a viver da graça, em uma relação de estrita dependência do cuidado e do amor de Cristo.

Não vou dizer que esses dias têm sido fáceis, mas posso afirmar, sem sombra de dúvida, que é a experiência mais rica, bonita e transformadora que já experimentamos.

Temos visto o cuidado e a bondade de Deus em cada detalhe, nas pessoas que surgem ao longo do caminho, no carinho dos irmãos, no amparo e sustento que recebemos da nossa comunidade de fé. Também fomos invadidos por aquela paz que excede todo o entendimento e que nos faz descansar na presença do nosso Salvador.

Gosto muito de música, e uma canção tem me acompanhado nestes últimos dias de uma forma especial. Ela se chama “Oceans” e é cantada pelo grupo de louvor Hillsong United. Quero deixar um trecho com os irmãos, em uma tradução livre:

“Espírito, me leve para onde a minha fé não encontre barreiras
Deixe-me andar por sobre as águas
Sempre que o Senhor me chamar
Me leve para lugares mais profundos do que meus pés podem tocar

E minha fé irá se fortalecer
Na presença do meu Salvador.”



Gravura em linóleo. 2020. Davi Rabelo.

Inspirada pela canção “Oceans”, que Thiago Sousa tanto apreciava, e pelo texto de Isaías 43.2-5, sobre o cuidado e a presença de Deus mesmo nos momentos mais turbulentos. Ao enfrentar essa dolorosa

perda, me lembrava também das palavras do amigo e pastor Osmar Ludovico, para quem apenas um Deus ferido pela experiência é capaz de nos consolar. Essa imagem, portanto, é uma simples tentativa de dar vazão às emoções, dores e esperanças que circundam as incertezas da vida. Para Thiago, Flávia, Ricardinho e toda a família.

Essa tem sido a minha oração e eu gostaria de compartilhá-la com vocês. Permitam-se viver pela graça. Entreguem seus caminhos, decisões e aflições nas mãos de Cristo.

Não sabemos o que Deus tem reservado para nós, mas temos a certeza de que ele é bom, justo, nos ama, e a sua vontade é perfeita e agradável.

Este testemunho descreve uma realidade que impressionou e tocou a alma de um incontável número de pessoas. Família, igreja, amigos, médicos, enfermeiros e todos que de alguma forma conviveram com Thiago, mesmo de longe, participaram desse testemunho de vida e de fé. Médicos que cuidaram dele diretamente e outros que o acompanharam em alguns momentos específicos, todos comentavam que nunca conheceram um paciente que respondesse a tudo com paz e serenidade. Por mais de um ano, Thiago não conseguia comer nada sólido em razão de uma severa estenose na parte alta do esôfago e alimentava-se de líquido e alimentos pastosos. Do final de fevereiro de 2020 até o seu falecimento, sua alimentação era por meio de uma sonda gástrica, e aquilo que conseguia engolir era basicamente líquido. Durante todo esse tempo, ele jamais reclamou; pelo contrário, manteve seu humor e sua gratidão quando conseguia tomar um copo inteiro de suco que normalmente levava algumas horas para ingerir. Falava de seu desejo de comer algumas coisas de que sentia falta, mas sempre com humor e serenidade. Quando ele escreve falando da paz que excede todo o entendimento e do descanso na presença do Salvador, foi uma realidade testemunhada por todos nós que convivemos com ele em todo o tratamento.

Durante os quatorze meses de enfermidade e tratamento de Thiago, todos nós oramos por sua cura. Particularmente, orei por ela todos os dias e noites. Minha oração foi estruturada em torno da oração que Jesus ensinou. Decidi assim porque temia me perder em minhas súplicas. Orei todos os dias invocando o nosso Pai do céu, lembrando que é assim que Jesus nos revela quem Deus é. Ele é aquele que conhece nossas necessidades antes mesmo de suplicarmos por elas. É o Pai que nos dá muito mais do que nós pais podemos dar aos nossos filhos. É o Pai de Jesus Cristo, que por meio dele fez de nós seus filhos e filhas, de forma que participamos de todos os benefícios que o Filho unigênito goza diante do Pai celeste. É o Pai que nos ama com o mesmo amor que ama seu unigênito Filho, cujo nome é santo e que jamais age de forma contrária à sua santidade e honra.

Dessa mesma forma, orei para que o reino de Deus se manifestasse no meio de tudo o que estávamos vivendo. Orei não apenas pelo meu filho, mas também por outros a cujos sofrimentos e necessidades somente Deus poderia atender. Meu desejo sincero era que o poder de Deus se manifestasse de forma que todos pudessem testemunhá-lo numa sociedade tecnológica e científica. Desejava, do fundo do meu coração, que o poder transcendente de Deus fosse visto e testemunhado. Para mim, isso aconteceria com a cura de Thiago e de outros por quem eu orava, e com a conversão de pessoas por quem muitos já tinham desistido de orar. Desejei muito, e ainda desejo, que eu e o povo de Deus experimentemos o poder de Deus num cenário tão carente de sinais do reino divino.

Esse desejo cresceu quando me vi preso aos recursos da ciência. Se a ciência dissesse que havia chance de cura, então havia; se dissesse que não havia, então não havia. Eu disse para mim mesmo: “Não posso viver assim, creio num Deus que é maior que a ciência. Ela não pode ter a última palavra. Eu creio que a última palavra é de Deus”. Então eu orava todos os dias para que Deus levantasse meus olhos e me ajudasse a reconhecer a majestade do seu poder. Orava por aqueles que cuidavam do meu filho para

que soubessem que a vida dele estava nas mãos do Deus todo-poderoso, e não nas mãos deles. “Venha o teu reino, manifesta o teu poder, revela a tua glória, realiza aquilo que só Tu podes realizar. Que a tua vontade se faça aqui na terra como ela é feita no céu.” Era essa a minha súplica dia e noite.

Porém, nada disso aconteceu, pelo menos não da forma como nutri em minha alma com um desejo angustiante que ardia diariamente em mim. No entanto, aos poucos, alguma coisa foi mudando em mim. Logo após o sepultamento de Thiago, minha nora, em meio a lágrimas, disse: “Deus ouviu sua oração, ele curou Thiago”. Ela disse mais do que isso, mas guardei essa afirmação. Nos dias seguintes foram chegando até nós os depoimentos de médicos, amigos de Thiago da igreja, do trabalho, da universidade, comentando o impacto em suas vidas de sua fé serena e confiante. A doutora Lucila Rocha, oncologista que acompanhou Thiago durante todo o tratamento, uma profissional de grande competência e uma pessoa de extraordinária beleza, a quem Thiago se referia como uma das muitas manifestações do cuidado de Deus por ele, disse a mim e minha esposa que o que mais desejava era que seus filhos, ainda pequenos, tivessem uma fé como a de Thiago. Uma afirmação comum que ouvimos de vários profissionais era que “este rapaz é diferente”. Minha esposa, que tem uma fé mais segura do que a minha, procurava lembrar-se de todas as manifestações do cuidado de Deus na vida de Thiago desde que ele nasceu. Memórias que testificam o poder e cuidado de Deus.

Aos poucos fui compreendendo que o reino de Deus foi manifestado, a vontade de Deus foi feita aqui na terra como no céu, o poder transcendente de Deus foi revelado, e muitos puderam testemunhar a glória do único e verdadeiro Deus. Lembro-me de um dia em que, voltando com Thiago do hospital onde ele fora fazer uma punção para colher material para biópsia, conversando com ele para saber como estava, ele disse: “Eu sei que tenho câncer, sei que é agressivo e que posso morrer; mas eu tomei uma decisão e fiz uma escolha. Eu decidi entregar tudo isso a Deus e escolhi confiar nele,

e isso para mim é claro: ou eu confio ou não confio, e, se confio, não há razão alguma para ficar desesperado, angustiado, deprimido. Preocupo-me com minha saúde, faço tudo o que a equipe médica me orienta a fazer, preocupo-me com minha família e com vocês, mas não pretendo ficar falando da minha enfermidade como se ela fosse a única coisa real na minha vida. Isso não é fuga, nem negação do câncer e sua gravidade, é apenas a decisão que tomei de entregar e confiar”. E assim foi até o fim. Ele confiou no seu Salvador com uma fé serena e tranquila. Deus ouviu nossas orações, atendeu ao nosso clamor e nos deu muito mais do que jamais imaginamos. É claro que sentimentos de medo, angústia e incertezas o acompanharam. Dúvidas e insegurança estiveram presentes nos seus momentos de solidão. Entretanto, se tudo o que desejamos para nós e os nossos filhos é a salvação, Thiago a experimentou de forma real, viva e poderosa. Não existe cura maior do que essa.

Um dia meu filho mais novo, Arthur, saiu para comprar uns livros que eu precisava para presentear algumas pessoas. Um livro que não estava na lista chamou sua atenção. Era o livro *Toque as Feridas*, de Tomáš Halík, já mencionado aqui. Esse livro nos ajudou a reconhecer que seguimos um Deus que sofre. Um Deus ferido que mostrou suas feridas a Tomé e aos discípulos. Halík afirma, no final do livro:

A primeira coisa que Deus exige de nós quando nos concede sua graça (uma graça verdadeiramente desafiadora, não uma graça barata) de vermos suas feridas é que as aceitemos: Dizer “sim” aos fatos da vida – dizer “sim” mesmo quando esse “sim” não venha acompanhado ainda de um entendimento pleno, mesmo quando permanecem ainda algumas perguntas não respondidas: “Por quê?” ou “Por quê eu?”.¹

Algumas perguntas permanecem não respondidas, mas a aceitação de que aquilo que Deus faz é justo e bom e a experiência com a paz que excede o

entendimento vão tornando-se uma realidade viva.

Os personagens do relato da Carta aos Hebreus, aqueles que sofreram, foram mortos, passaram fome e miséria, perseguição e todo tipo de sofrimento, foram pessoas que nutriam a mesma fé dos que venceram e viveram experiências impressionantes. Nem todas as orações são respondidas da maneira como desejamos, por mais fervorosas e perseverantes que tenham sido. Enfermos não são curados, casamentos não são restaurados, igrejas não experimentam um avivamento e entram em crise, pessoas queridas resistem à conversão, viciados não são libertos, mesmo quando oramos com fé, dia e noite, por tudo isso. Sabemos que isso acontece, mas não sabemos por quê. O próprio Senhor Jesus clamou: “Deus meu! Deus meu! Por que me desamparaste?”. Sei que muitos discordam de mim, mas é impossível negar a realidade, e eu não me atreveria a questionar a fé de uma mãe que ora dia e noite pela conversão do filho ou de um pastor que clama pela sua igreja. Como já dissemos, muitos cristãos, diante da frustração, ou desistem de orar ou passam a orar por trivialidades, por situações cujo desfecho não irá nos frustrar. Orações não respondidas não apenas enfraquecem a fé e nos levam a desistir de orar, mas também nos afastam de Deus.

O ato de permanecer orando é um ato de fé e obediência. Nesse aspecto, nossa cultura não nos ajuda muito. Somos treinados, desde cedo, a obter respostas instantâneas, valorizar o sucesso e ser um vencedor. Toda a indústria de propaganda e entretenimento opera com o princípio da “satisfação garantida”. Somos impacientes, mimados, voluntariosos, indisciplinados. Queremos um Deus que satisfaça nossas necessidades instantaneamente, realize nossos sonhos e nos faça pessoas felizes e saudáveis. Mas a realidade não é assim. Sabemos que Deus age, que seu poder é real, que ele transforma, cura e liberta. Isso acontece hoje como sempre aconteceu. Sabemos que a Igreja e o mundo precisam ver os sinais do reino de Deus e seu governo sobre todas as coisas, e isso acontece todos

os dias, o tempo todo. Sabemos também que a apatia espiritual, o esmorecimento no exercício da fé e da oração e o pecado não confessado têm levado, em muitos períodos, o povo de Deus a não experimentar o poder de Deus agindo com seu braço forte, realizando aquilo que só ele pode realizar, ou, no mínimo, não somos capazes de ver o que Deus está fazendo. E sabemos também que a oração não é mágica. Algumas vezes teremos de esperar, outras teremos de nos aquietar e nos submeter aos caminhos não revelados de Deus.

Várias histórias bíblicas descrevem um longo processo no qual a ação poderosa de Deus acontece. Abraão teve de esperar 25 anos entre o chamado e a promessa de um descendente e o nascimento de seu filho Isaque. Na longa espera Abraão orou, questionou a demora e sofreu várias provações. Davi foi ungido rei de Israel e precisou esperar mais de dez anos até assumir o trono. Nesse período de espera, teve de fugir da ira insana de Saul e viver como fugitivo, dormindo em cavernas e enfrentando todo tipo de perigo. O povo no exílio teve de esperar setenta anos para voltar para sua terra, mesmo com os “falsos profetas” afirmando que ele voltaria logo. Paulo, após seu encontro com Jesus na estrada de Damasco, passou três anos nos desertos da Arábia antes de iniciar seu ministério e, mesmo sendo um homem de fé e oração, tendo sido usado por Deus para evangelizar, curar e libertar tantas pessoas, precisou conviver com seu próprio sofrimento e fraqueza para entender que a graça de Deus é suficiente. Porém, nossa cultura não admite a espera nem o fracasso. Precisamos de um Deus que nos atenda rápido e satisfaça todas as nossas demandas.

Dois fatos importantes que preciso destacar: o primeiro diz respeito à grande história da qual a nossa história pessoal faz parte. Se minha história pessoal se limita ao tempo de minha existência neste mundo, toda a minha fé será reduzida a um esforço de dar o mínimo de sentido a uma existência limitada e incerta. Mesmo que minha existência seja curta e aparentemente sem sentido, como muitas vezes parece ser, ela ganha sentido quando vejo a

minha vida como parte de uma grande narrativa, A experiência de José ilustra bem esse princípio. Ele foi traído por seus irmãos, vendido como escravo e acusado injustamente pela esposa de Potifar. Viveu muitos anos longe da família como escravo e vários anos preso injustamente. Certamente orou para que Deus o socorresse, mas o socorro parecia cada vez mais distante. Depois de interpretar os sonhos do padeiro e do copeiro do faraó que dividiam a cela com ele, pediu ao copeiro, cujo sonho anunciava sua libertação, que se lembrasse dele quando estivesse com o rei. O copeiro não se lembrou e José continuou preso. Imagino que, a essa altura do seu sofrimento e solidão, José possa ter duvidado da fé, afinal ele sempre fora fiel a Deus, mas parecia que Deus não era fiel a ele. Porém, se Deus tivesse atendido ao pedido de José de ser liberto da prisão, somente ele teria sido abençoado com essa resposta. José soube esperar com fé e confiança e aceitou participar da grande história, mesmo que isso implicasse mais tempo de sofrimento e privação. Passado algum tempo, ele foi liberto da prisão, e não só ele, mas toda uma nação, sua família e posteridade foram abençoados e salvos.

A vida de Jesus foi limitada no tempo (pouco mais de 30 anos) e no espaço (Palestina), e foi marcada por muita incompreensão, perseguição, injúria, humilhação e sofrimento. Mas, quando a vemos como parte de uma grande história, percebemos que todo o seu sofrimento foi o clímax da grande narrativa e toda a humanidade foi abençoada pela sua vida, sofrimento, morte e ressurreição. O cristianismo nos oferece uma belíssima narrativa, a mais completa e verdadeira, com começo, meio e fim. Sabemos como a história começou e sabemos como ela terminará. Fazemos parte do enredo que está desenrolando-se sob o governo sábio, justo e poderoso de Deus. Não temos o *script* detalhado, mas sabemos que fazemos parte de algo glorioso que está em andamento, em que a oração e a fé têm um papel fundamental.

O outro fato diz respeito a permanecer crendo no poder de Deus e na obra do Espírito Santo por meio da Igreja. O mundo em que vivemos perdeu o sentido de transcendência e, conseqüentemente, a Igreja perdeu a noção do poder de Deus. Confiamos mais na política, ciência e tecnologia do que na oração e no poder de Deus. João, diferentemente dos outros evangelistas, prefere usar a palavra “sinais”, e não “milagres”, para se referir aos feitos impressionantes de Jesus e termina o seu Evangelho dizendo: “Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.30-31). Os sinais manifestavam a chegada do reino de Deus e testemunhavam o governo de Jesus Cristo. O evangelista Marcos termina o seu Evangelho com Jesus enviando seus discípulos para evangelizar e prometendo que, enquanto caminhavam pregando o evangelho, os sinais do reino acompanhariam o ministério dos discípulos. É isso que vemos no livro dos Atos. Enquanto os discípulos pregam, sinais testificam o reino de Deus e o governo de seu Filho Jesus Cristo, e muitos creem que Jesus é o Filho de Deus, encontrando nele sua salvação.

A Igreja do século 21 tem pouca experiência com o poder de Deus, e o mundo se vê privado dos sinais que apontam para o reino já realizado. Nenhuma tecnologia, ciência, poder econômico ou político podem realizar aquilo que só Deus realiza. A Igreja precisa assumir seu papel. Precisa seguir orando pelo seu avivamento, pela cura dos enfermos, pela restauração de relacionamentos, pela evangelização da cidade, pela libertação dos cativos. Precisa orar com fé viva e grande expectativa naquilo que Deus está fazendo e irá fazer. Certamente nem todos os enfermos serão curados, nem todos os casamentos serão restaurados, mas seguiremos orando na expectativa de que Deus, e só Deus, realiza esses sinais, e que eles são necessários para o testemunho do povo de Deus.

Richard Foster, em seu livro *A Celebração da Disciplina*, diz que “estamos cooperando com Deus para determinar o futuro! Certas coisas acontecerão na história se orarmos corretamente. Devemos mudar o mundo pela oração”.² No entanto, se permanecermos ignorando ou mesmo negando o poder de Deus e confiando mais nos “poderes deste mundo” e nos recursos que a tecnologia nos oferece, privaremos o mundo dos sinais do reino de Deus e o futuro será cada vez mais sombrio, mesmo que nossas igrejas permaneçam cheias e animadas.

Uma verdade que experimentei nesses quatorze meses de oração perseverante pela cura do meu filho foi que pela primeira vez, em toda a minha vida, orei por algo que desejei do fundo de minha alma. Dei-me conta de que eu nunca haviaorado com tanta clareza daquilo que desejava. Percebi que as orações que eu havia feito ao longo da minha vida não haviam sido motivadas por um forte desejo. Não eram, de fato, importantes para mim. Qualquer que fosse o resultado, estaria bom. Descobri quanto o desejo é fundamental para a prática da oração. Na parábola da viúva e do juiz iníquo, a perseverança da viúva em buscar justiça para sua causa revela o desejo intenso de sua alma. É o desejo que me faz clamar noite e dia, e é ele que me mantém atento, cheio de esperança e certeza naquilo que Deus está fazendo e fará.

A oração é um tema vasto e complexo. As parábolas de Jesus sobre a oração não têm a pretensão de responder a todas as dúvidas que carregamos ao longo de nossa jornada espiritual. Elas apontam o caminho e oferecem os meios. Sabemos que a oração é nossa resposta ao chamado de Deus para nos relacionarmos com ele. É um relacionamento entre desiguais, portanto será sempre tenso. Desde a criação, Deus deseja relacionar-se conosco. A queda, a história narrada no Velho Testamento, mostra um povo infiel, confuso, e um Deus fiel e bom que nunca abandona seu povo. Ele ouve o clamor desse povo no Egito, o conduz na longa jornada pelo deserto, permanece com ele no exílio, envia profetas para alertá-lo dos possíveis

desvios e, por fim, envia seu Filho para realizar definitivamente sua obra de redenção. Com a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, ele não nos deixa órfãos. Ele envia o Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, para nos conduzir no mesmo caminho e na mesma missão de Jesus. Não importa quão difícil seja esse relacionamento, precisamos nos manter nele porque para Deus qualquer forma de relacionamento com ele é melhor do que nenhuma.

Deus é nosso Pai no céu. Um Pai santo que age por causa da honra do seu nome. Ele sempre abrirá a porta. Não importa a hora que você bata, ele sempre ouvirá e abrirá. Seu convite é para pedir, buscar e bater e, como um Pai que conhece a necessidade de seus filhos, ele sempre atenderá e nos dará mais do que necessitamos. Deus é também um justo juiz. Ele julga a causa de todos os seus eleitos, que a ele clamam dia e noite. Pode parecer demorado, mas não demora. Ele fará justiça a todos que o buscam. Contudo, precisamos permanecer atentos para que a oração não esmoreça e a fé não desapareça. Deus é também o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Ele tomou a iniciativa para nos oferecer o perdão e a reconciliação. Tornou possível o relacionamento de um pecador com o Deus santo.

O propósito primeiro da oração não é tornar nossa vida boa e saudável, mas fazer de nós novas criaturas à semelhança de Jesus Cristo.

1. HALÍK, Tomáš. *Toque as feridas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016. p. 173-174.↵

2. FOSTER, Richard. *A celebração da disciplina*. E-book. p. 31.↵

Posfácio

DURANTE O CURSO DE MEDICINA, nós aspirantes a médicos somos treinados e alertados sobre como evitar a transferência e contra-transferência, que são sentimentos positivos ou negativos que podem surgir ao penetrarmos na história de um paciente, por aquilo lembrar em algum aspecto nossa história ou alguma experiência do nosso passado. Posto isso, a reação das pessoas quando nos ouvem dizer que nossa especialização é oncologia é quase sempre dizer: “Mas oncologia? Deve ser muito difícil lidar com tanto sofrimento”. E é! Por essa razão, racionalmente, esperam que, com o tempo, nos tornemos mais insensíveis às dores que testemunhamos.

Mas, na realidade, não é isso que ocorre. Somos humanos. Nosso trabalho só faz sentido se nos deixarmos ser tocados e se formos empáticos. Saber nos colocar do outro lado da história, ponderando os valores, fé e particularidades de cada paciente e família que encontramos, é o que faz essa profissão tão apaixonante e engrandecedora. A premissa de que “antes de ser seu paciente aquela pessoa é o amor de alguém” não se encaixaria melhor do que na oncologia.

E assim, nos anos de oncologia, minha história foi se cruzando com inúmeras outras, e cada uma delas sempre me deixa algo de bom, seja uma forma diferente de encarar os percalços da vida, seja uma lembrança doce que me faz rir sozinha quando me lembro de determinada situação. São histórias que aumentam a minha gratidão, a minha resiliência e fortalecem a minha fé por meio de pequenos milagres que o ceticismo é incapaz de explicar.

Mas devo confessar que, dentre tantos encontros, poucos mexeram tanto comigo como o encontro com Thiago, sua história, sua família e, sobretudo, o testemunho de sua fé. Foram quatorze meses de convivência, mas que pareceram anos, a ponto de eu celebrar o Natal em um jantar com sua família, logo após o seu falecimento, e me sentir tão em casa como se estivesse com minha própria família.

Nesse período de tratamento, foram muitas más notícias em sequência: tratamentos intensivos, cheios de efeitos colaterais, que não surtiam o efeito esperado, um após o outro. Mas, todas as vezes que nos sentávamos para falar sobre alguma falha do tratamento e necessidade de mudança de estratégia, Thiago sempre me abria um sorriso (que não era amarelo ou falso, era de esperança e fé) e me respondia: “Vamos trocar o tratamento então. Tenho fé que vai dar certo”. E, mais que isso, todas as vezes que o questionava sobre alguma toxicidade da medicação que ele estava recebendo, ele sempre tinha os olhos cheios de brilho e dizia que não estava difícil, que eram incômodos que ele suportava e que valeriam a pena.

A maneira como ele encarou todas as etapas foi uma lição diária de resiliência e fé. Descrevo a seguir apenas a primeira e a última conversa que tivemos, que resumem todo o entremeio desse convívio.

Quando da primeira quimioterapia, conversei com ele sobre preservação de fertilidade, pois sabia que ele tinha apenas um filho pequeno e que a combinação de três drogas antineoplásicas potentes poderia, futuramente, comprometer de alguma forma sua fertilidade. Tivemos o seguinte diálogo:

– Thiago, iniciaremos a quimioterapia, mas antes gostaria de saber se você gostaria de conversar com um fertilista para preservação de espermatozoides.

– Não é necessário. Ricardinho é fruto de uma fertilização in vitro.

– Ah, então você já tem outros embriões criopreservados?

– Não, só tínhamos ele e ele foi nosso milagre.

E a última – e mais difícil – conversa que tivemos foi na internação da UTI, em que ele faleceu. Clinicamente, ele piorava a cada dia sem resposta às medidas adotadas, e nesse dia conversamos sobre as suas expectativas, o seu entendimento sobre o que estava acontecendo e, caso evoluísse para uma piora inexorável, sobre como ele gostaria que agíssemos nos momentos finais em relação às medidas de conforto. Ele respondeu que confiava no meu trabalho e sobretudo em Deus, e que tinha certeza de que o melhor para ele seria feito. Choramos juntos eu, ele e a esposa, Flávia, e quando tudo terminou ele me pediu um abraço e me deu o mesmo sorriso de sempre.

E, entre essas duas conversas, ele me trouxe uma lição diária de fé, amor a Deus e à família e resiliência.

Estive presente no momento do seu falecimento e, em meio à perda, as lágrimas caíam copiosamente dos meus olhos. Fiquei envergonhada, afinal eu estava ali para apoiar a família naquele momento tão difícil, mas a verdade é que naquele momento não havia medicina, apenas admiração e gratidão por nossas histórias terem se cruzado.

Ele partiu sereno, cercado dos seus familiares em oração, ouvindo uma canção que ele amava, e seu último batimento coincidiu com o refrão da música, que dizia: “Teu trabalho é descansar em mim”. Foi muito doloroso, mas ao mesmo tempo uma experiência de fé indescritível. Era nítida a presença de Deus cuidando de tudo e, apesar de corações dilacerados, a sensação era de uma paz espiritual muito grande.

Em todos esses momentos tive minha fé fortalecida e me reproximei de Deus como há tempos não acontecia. Mesmo considerando as sucessivas derrotas para a doença, vivemos pequenos milagres diários com diversas tempestades que ele enfrentou durante o tratamento, incluindo: choque hemorrágico no momento da colocação de sonda para alimentação e uma

experiência de quase morte secundária a uma trombose na internação que precedeu sua partida.

Aprendi a admirar a fé de Thiago e de toda a sua família, me reaproximei de Deus, orei para que ele ficasse bem (sim, nós médicos também lembramos de nossos pacientes nas orações), tive a mesma sensação que Ricardo descreve de que a oração não fora atendida, e no final fui presenteada com este livro, que me mostrou que até mesmo pessoas de grande fé podem questionar o poder da oração em momentos de grande dor e que, ainda assim, é possível uma reconciliação com Deus, com a fé e a reconquista da paz.

Só gratidão a este filho, esposo e pai que partiu tão cedo, mas deixou muito amor em todos os corações que dele se aproximaram e, mesmo diante da perda, fez reacender a chama da fé em minha vida.

LUCILA SOARES DA SILVA ROCHA é médica oncologista da Rede d'Or, em Brasília, e doutoranda do programa de oncologia da Universidade de São Paulo. É casada com Geraldo e mãe de Enzo e Francisco.

Caro leitor:

Acesse www.ultimato.com.br e faça seu comentário sobre este livro. Conheça também outros títulos da editora e a revista Ultimato.

QUANDO A ALEGRIA NÃO VEM PELA MANHÃ

Categoria: Espiritualidade / Oração / Vida cristã

Copyright © 2021 por Ricardo Barbosa de Sousa

Primeira edição: Abril de 2021

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Revisão: Natália Superbi

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Ana Cláudia Cunha Nunes

Produção do arquivo ePub: Booknando

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Lumos Assessoria Editorial Bibliotecária:
Priscila Pena Machado CRB-7/6971

ISBN 978-65-86173-09-3

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br



facebook.com/editora.ultimato



twitter.com/ultimato



instagram.com/editoraultimato